

Ricardo José Teixeira Reis

Intervenção urbana em Espinho

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura

Julho, 2024

Ricardo José Teixeira Reis

Intervenção urbana em Espinho

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizada sob a orientação científica do Professor João Carreira.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, 31 de Julho de 2024.

Declaro que este Trabalho se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, 31 de Julho de 2024.

AGRADECIMENTOS

Nesta reta final, o sentimento de dever cumprido é quem sobressai. Um caminho sinuoso, onde conseguir encontrar o destino não foi tarefa fácil. Todas as pedras que foram surgindo pelo decorrer deste percurso, com dificuldade, fomos conseguindo afastá-las, criando condições para que fosse possível avistar a meta.

Tudo isto apenas foi possível por todo o suporte obtido, através do meu orientador, da minha família e amigos.

Em primeiro lugar, um muito obrigado ao meu orientador, o professor João Carreira, por todo o conhecimento transmitido, pela tamanha paciência e persistência. Pelo seu constante entusiasmo quando falávamos desta arte tão encantadora que é a Arquitetura. Foi um caminho duro, cheio de indecisões, mas que, com o seu suporte, se tornou possível de percorrer. Por tudo, um sincero obrigado.

Agradecer aos meus colegas de turma, pelo tempo vivido em conjunto, pelas críticas ao trabalho que me permitiu evoluir pessoal e academicamente.

Queria também deixar um obrigado aos meus amigos, pelo tempo passado que me ajudou a espairecer, fazendo-me refrescar as ideias. Em especial, á Marta, á Carolina e á Fátima, pela quantidade de vezes que me incentivaram a continuar.

Deixando o mais importante para o fim, queria também agradecer, ao meu pai, ao meu irmão e á minha cunhada, por todo o apoio emocional, por estarem sempre presentes quando as coisas não corriam bem. Pela paciência, pelos conselhos, e sobretudo pelo amor demonstrado o que de certa forma, facilitou esta caminhada.

Queria deixar um agradecimento especial á minha mãe. Foi um pilar importantíssimo para que tudo isto fosse possível. Era o seu sonho ver o seu filho a terminar o curso. Apesar de infelizmente já cá não estar foi, sem dúvida nenhuma, a pessoa que me fez não desistir, levantar a cabeça e seguir o caminho. Tudo isto foi por mim, mas sem dúvida por ela também.

"A arquitetura é a vontade de uma época traduzida em espaço."

Mies Van Der Rohe

RESUMO

Intervenção urbana em Espinho

Ricardo José Teixeira Reis

PALAVRAS-CHAVE: Habitação, Ponto de Referência, Elemento Notável, Espaço Expectante, Exceção, Destacável;

RESUMO

Os projetos de reabilitação, envolvem estratégias que permitem, aos espaços ou edifícios, voltar a integrarem-se no seu meio urbano. Procura-se com isso, melhorar a imagem e vivência de uma cidade.

Este trabalho, partiu através do destaque da malha que organiza espacialmente Espinho. A escolha desta cidade como local de intervenção, deve-se muito ao facto de lá residirmos. A noção de que existem elementos de destaque na quadricula, incentivaram a uma análise aprofundada da urbanidade.

Deste modo, o projeto que aqui é proposto, procura reabilitar o quarteirão da praça de touros, em Espinho. Ergue-se uma torre, dando resposta á escassez de habitações. O espaço exterior, é tratado para que haja uma inclusão de todos os habitantes, para que possam usufruir dos jardins.

Procura-se com a proposta, auxiliar o desenvolvimento da urbanidade, demonstrando uma nova forma de fazer crescer a cidade. A partir de uma crítica assumida, pretendemos projetar a exceção perante a malha ortogonal.

RESUME

Urban intervention in Espinho

Ricardo José Teixeira Reis

Keywords: Housing; Reference Point; Remarkable Element; Expectant Space; Exception; Outstanding;

RESUME

Rehabilitation projects involve strategies that allow spaces or buildings to be integrated back into their urban environment. The aim is to improve the image and experience of a city.

This work started by highlighting the mesh that organizes Espinho spatially. We chose this city as the site for our intervention because we live there. The notion that there are prominent elements in the grid encouraged an in-depth analysis of urbanity.

Thus, the project proposed here seeks to rehabilitate the bullring block in Espinho. A tower is erected in response to the shortage of housing. The outdoor space is designed to include all the inhabitants, so that they can enjoy the gardens.

The proposal seeks to help develop urbanity, demonstrating a new way of making the city grow. From an assumed critique, we intend to project the exception in the face of the orthogonal grid.

OBJECTIVO DA DISSERTAÇÃO/TRABALHO DE PROJECTO

O objetivo do trabalho, é reabilitar o quarteirão da praça de touros, em Espinho. De algum modo, pretendemos que seja explícito o nosso descontentamento para com alguns fatores que compõem a cidade. Queremos enunciar de forma clara o que nos intriga para que, através de uma sugestão de projeto possamos tentar dar uma resposta que visa melhorar estas nossas irritações.

Projetar num espaço em que, a sua memória continua bastante presente na vida da urbanidade, requer uma atenção redobrada. Assim sendo, planeamos reavivar este quarteirão que, de momento se encontra ao abandono. Através de uma visão que esteja em consonância com a atualidade, tencionamos preservar a história e identidade do sítio.

A crítica à cidade foi desde logo evidente, pela nossa insatisfação com a regra que gere a cidade. Regra essa que, sobre a forma de malha ortogonal, condiciona o rápido desenvolvimento da urbanidade. Fator que resulta na falta de habitação, numa cidade que poderia ter espaço para crescer.

A intenção desta proposta é que consigamos materializar a exceção. A oposição à regra. Uma torre, pareceu-nos uma resposta evidente. Tipologia nova perante uma urbanidade que tem uma paisagem sempre muito idêntica, sem grandes variantes. Para além disso, a maneira como decidimos organizar todo o quarteirão, valorizando o espaço exterior, contraria também o panorama geral que se vive em Espinho.

Aumentar o conhecimento de como a arquitetura e cidade estão em constante comunicação, foi também um dos objetivos que nos fez avançar com esta proposta de projeto.

Ao longo do tempo, naturalmente o trabalho vai evoluindo e tomando caminhos diferentes daqueles que planeamos no início e, portanto, vão surgindo diferentes obstáculos, tornando o caminho sinuoso. Com o avanço do projeto, vamos conseguindo clarear o percurso, procurando responder a todas as questões que nos vão surgindo, e de algum modo, incomodando.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. O LUGAR.....	22
2.1 ESPINHO.....	23
2.2 PRAÇA DE TOUROS	32
3. O PROBLEMA	36
3.1 A INDECISÃO.....	37
3.2 A TORRE	42
4. CASOS DE ESTUDO	44
4.1. ARCO DE LA DÉFENSE, Johan Otto Van Sperckelsen	45
4.2. LAKE SHORE DRIVE, MIES VAN DER ROHE	48
5. O PROJETO	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
LISTA DE FIGURAS.....	69
ANEXOS.....	69

1. INTRODUÇÃO

A cidade, (...), é aqui entendida como uma arquitetura. Ao falar de arquitetura não entendo referir-me apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas arquiteturas, mas preferencialmente, à arquitetura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo.¹
Aldo Rossi

As cidades, são organismos vivos em constante evolução. Através do processo da construção, é possível o crescimento, em que, a mão humana tem um papel fundamental. Tanto que, aos poucos, os locais virgens, sem qualquer tipo de intervenção, foram se extinguindo.

"(...) a cidade está entre o elemento natural e o artificial (...)"², disse Rossi.

São conjuntos de elementos, de espaços, e de construções que criam o todo, que é a cidade. Através de um olhar descomprometido pelos lugares que vamos passando na nossa viagem da vida, damos conta que, a arquitetura, é o motor que dita o bom funcionamento de cada urbanidade. A cidade, é a tela onde a arquitetura se pode exprimir. Portanto, cidade e arquitetura, são elementos que não se desvinculam, não podem ser analisados individualmente. Estão intrinsecamente conectados.

"(...) a partir da arquitetura, talvez mais do que a partir de quaisquer outros pontos de vista, se pode chegar a uma visão global da cidade e conseqüentemente à compreensão da sua estrutura;"³ afirma Aldo Rossi.

No entanto, tentar entender a cidade na sua totalidade, seria uma tarefa de algum modo descabida, pela sua dimensão e complexidade. Dai afirmarmos que, estamos de acordo com a teoria da "Área estudo" que é apresentada por Aldo Rossi.

A área estudo, é uma abstração relativamente ao espaço das urbanidades. Pode-se considerar que, é uma projecção da cidade em partes. É um conceito utilizado como método de trabalho. Um método de análise.

De certa forma, este processo, descomplica o entendimento da confusão que é a cidade. O estudo de pequenos trechos, de forma individual, permite compreender, de uma maneira mais simples, cada urbanidade.

¹ Aldo Rossi, 2021- Lisboa. A arquitetura da cidade, p.27

² Aldo Rossi, 2021- Lisboa. A arquitetura da cidade, p.44

³ Aldo Rossi, 2021- Lisboa. A arquitetura da cidade, p. 145

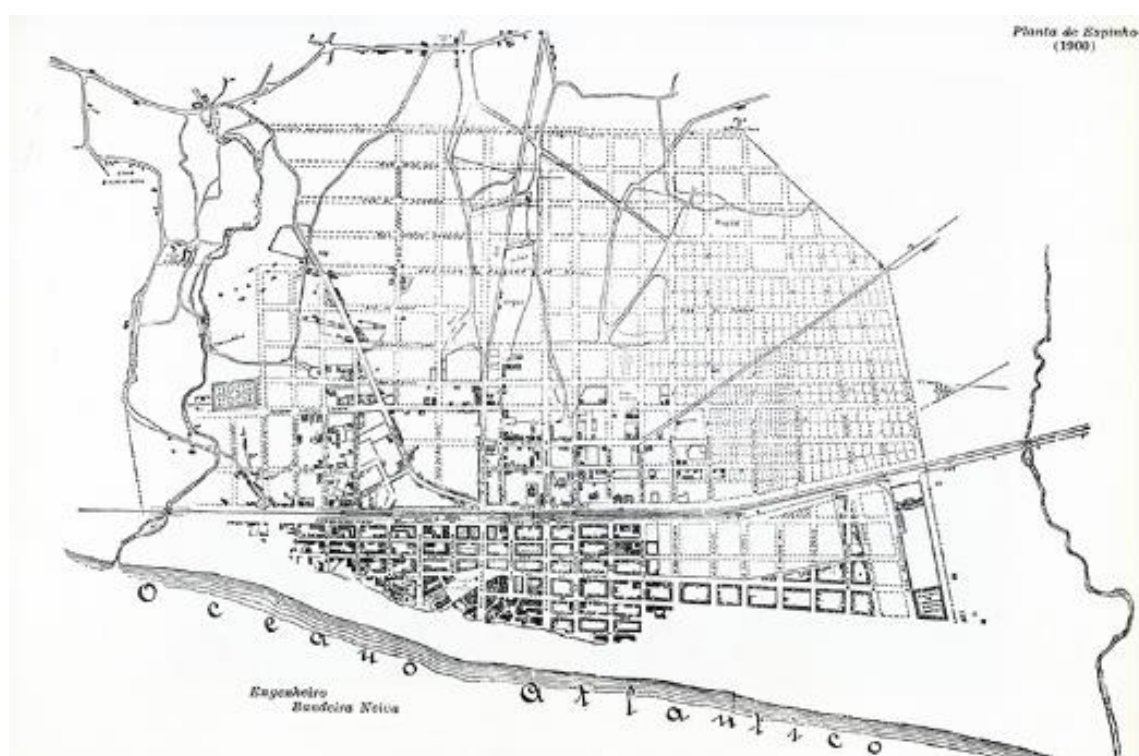


Figura 1. Planta de espinho, ano 1900. Fonte: <https://portal.cm-espinho.pt/pt/municipio/camara-municipal/historia-e-heraldica/>

Assim sendo, para o desenvolvimento deste trabalho, era preciso definir a cidade em que pretenderíamos trabalhar, para que, em seguida definíssemos a área estudo.

Espinho, por ser o local onde residimos, pareceu-nos ser a decisão mais acertada. Deambulamos entre ruas sem fim, em busca do nosso lugar de intervenção, mas tudo parecia ser opção.

A indecisão e a mudança, serão sempre fatores presentes num trabalho desta metodologia. Fomos deixando para trás possíveis opções, descartamos caminhos por onde não seguir, e com isso, o espaço que seria a nossa área estudo tornou-se evidente, o quarteirão da praça de touros. O facto de procedermos á análise de diferentes trechos da cidade, diferentes áreas estudo, permitiu-nos fundamentar a escolha do local de intervenção.

O afeiçoamento que temos a esta cidade, permitiu que decifrássemos elementos que nos intrigam, que de certa forma nos causam comichão. Portanto, não poderíamos deixar escapar, esta oportunidade de marcar a diferença num local que nos é tão próximo.

A proposta, surge com o principal objetivo de realizar uma critica á cidade, opondo-se a tudo aquilo que achamos que precisa de ser repensado. Pretendemos principalmente, contrariar a inexistência de dissemelhança na organização espacial dos quarteirões e o caráter monótono da malha.

Através da habitação, procuraremos dar sentido á nossa interpretação daquilo que poderá ser, uma nova forma de crescimento. A mudança.

Nesta cidade, em que apesar da grande massa construída, persiste o problema da falta de habitação. O nosso projeto, erguer-se como uma tentativa de resolução a esta problemática. A incompreensível estagnação da cidade, resulta num agravamento constante da falta de habitação. Para além disso, existe escassez de espaços livres, dificultando ainda mais a resolução deste problema.

Assim sendo, procuramos demonstrar uma nova forma de pensar a habitação e de organizar o quarteirão. O nosso edifício, é nada mais que, uma tentativa de responder a este problema, que perdura durante anos. Num meio onde, a malha ortogonal aparece como regra, que não permite fugir áquilo que, de certa forma, foi estipulado pelos conhecidos quarteirões. De forma a que esta visão de exceção possa funcionar, é necessário, um projeto de certa forma radical, para ajudar na compreensão do que é necessário mudar nesta cidade.

Na nossa intervenção no quarteirão da praça de touros, temos a intenção de valorizar o espaço exterior público, e diminuir a área de implantação do edificado, tornando o quarteirão, aparentemente menos massacrado. Queremos que possa respirar, que

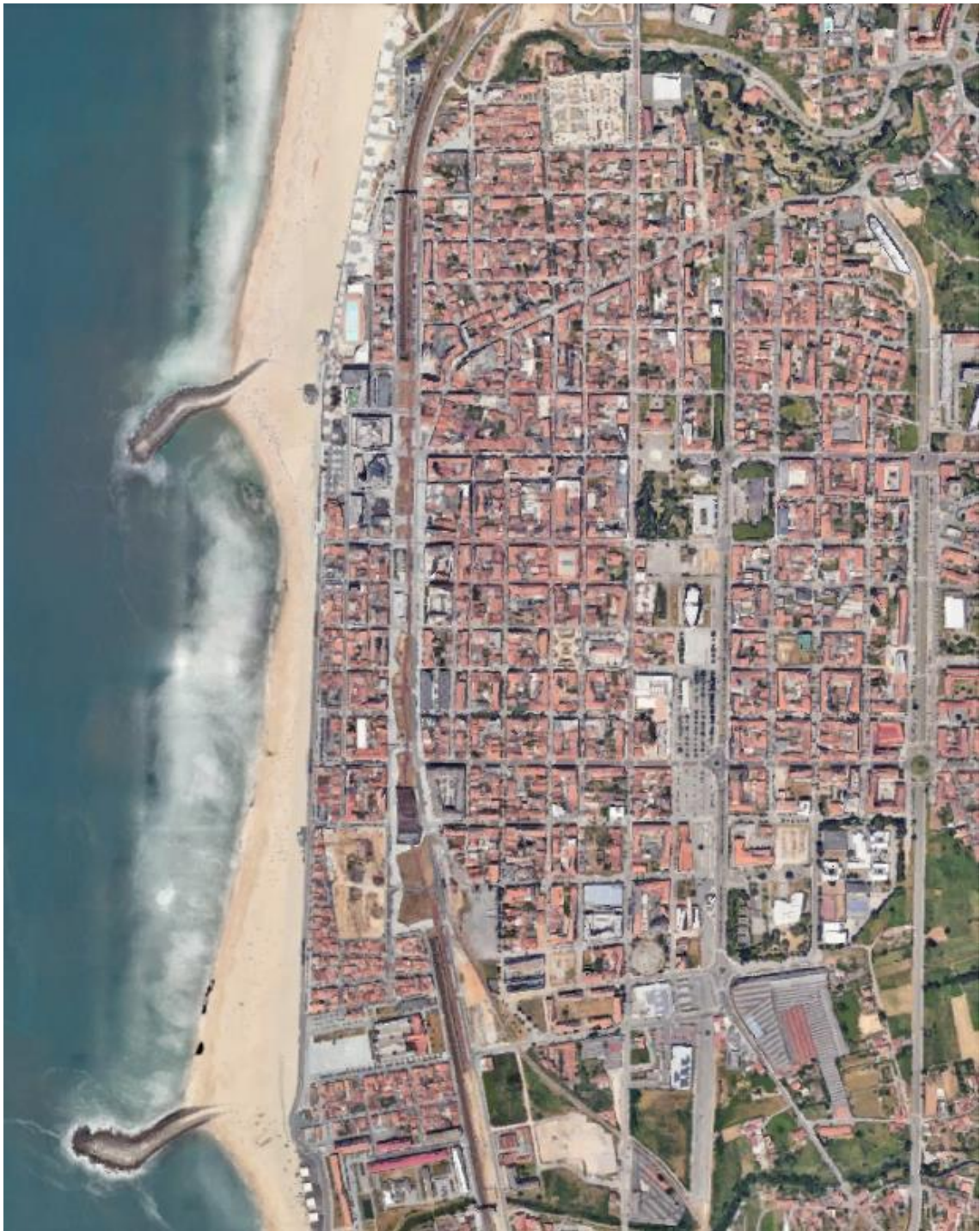


Figura 2. Vista satélite de Espinho. Fonte: Google earth

não seja estrangulado com construções em todo o seu entorno, regra geral do que se passa na cidade.

Para além disso, reconhecemos que, a habitação, é mais do que uma simples junção de quatro paredes. São lares que contam histórias. É porto de abrigo, é onde sentimos o expoente máximo de segurança. A casa, transcende a materialidade, é o local onde a vida acontece na sua plenitude, é onde podemos ser verdadeiramente nós mesmos. Portanto, ultrapassa a barreira física, guardando memórias passadas e preservando as vivências do presente.

Por estes motivos, a nossa pesquisa, procura responder a questões tais como: Como densificamos menos um quarteirão? Qual a influência da cidade num projeto de habitação? Como a cidade pode condicionar as decisões de projeto? Como se pode resolver o problema da falta de habitação?

O método utilizado para este trabalho, estabelece-se através da reflexão, da investigação, do estudo e posteriormente da justificação.

No seguimento do trabalho, trataremos de abordar as relações entre o edifício que propomos e a sua relação com o meio onde se insere. Neste sentido, abordaremos e analisaremos teses, livros e obras de arquitetura que se relacionem com as nossas intenções de projeto. Tendo por objetivo, fundamentar as decisões a serem tomadas ao longo de todo o trabalho.

Por fim, e como síntese de todos os conceitos analisados, iremos elaborar um projeto de habitação multifamiliar, demonstrando todas as condicionantes e intencionalidades que existiram ao longo de todo o percurso realizado. O presente trabalho será elaborado com o intuito da aquisição do grau de mestre em Arquitetura, durante o ano letivo 2023/24 na unidade curricular Trabalho de Projeto/Dissertação.

A constante dúvida, faz parte de um trabalho deste “tipo”. Certamente, algumas delas, ainda persistiram no final. É um trabalho, de algum modo, íntimo, em que, procuramos resolver assuntos que nos possam causar uma espécie de comichão.



Figura 3. Vista do local. Fonte: Google earth

2. O LUGAR

2.1 ESPINHO

Tal como uma obra de arquitetura, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo.⁴ Kevin Lynch

Por definição etimológica, uma cidade é uma área urbanizada, são projetos de arquitetura de grande dimensão. A sua essência, reside na harmonia entre espaços vazios e o edificado, enquanto relação de elementos, que formam cada urbanidade. No que concerne às cidades costeiras, além das interações mencionadas, as mesmas têm uma forte conexão com o mar, elemento intrínseco na sua identidade, que molda a paisagem e influência todo o desenvolvimento urbano.

Espinho, cidade do litoral, surgiu de um pequeno lugar de pescadores. O seu nome, deve-se à vila romana Spino, que em tempos ocupou este território. É mencionada pela primeira vez nos finais do século X, e até então, apenas era conhecido o seu grande areal, “Espinho Mar”. Imediatamente após a descoberta desta povoação, começa-se também a fazer referência, a “Espinho Terra”.

Num contexto mais popular, existe também uma lenda que, conta uma outra versão da origem do nome da cidade. De acordo com esta lenda, o nome Espinho teria sido atribuído por dois galegos, que navegavam numa embarcação que naufragou perto da praia, conseguiram-se salvar, segurando-se a um pedaço de madeira que avistaram, e começaram a discutir sobre que tipo de madeira era, um dizia que era de castanho, o outro disse: “No! És Pino”. Segundo a lenda, foi a junção desta expressão que formou o nome Espinho.

Começou por ser uma zona frequentada sazonalmente, por homens provenientes do Sul, que vinham pescar no período em que o mar permitia. Na época, era um lugar sem qualquer tipo de abrigo, de modo que, os pescadores utilizavam os seus barcos como refúgios. Por considerarem esta uma zona de referência para pescar, começam

⁴ Kevin Lynch, 2020- Lisboa. A imagem da cidade, p.9

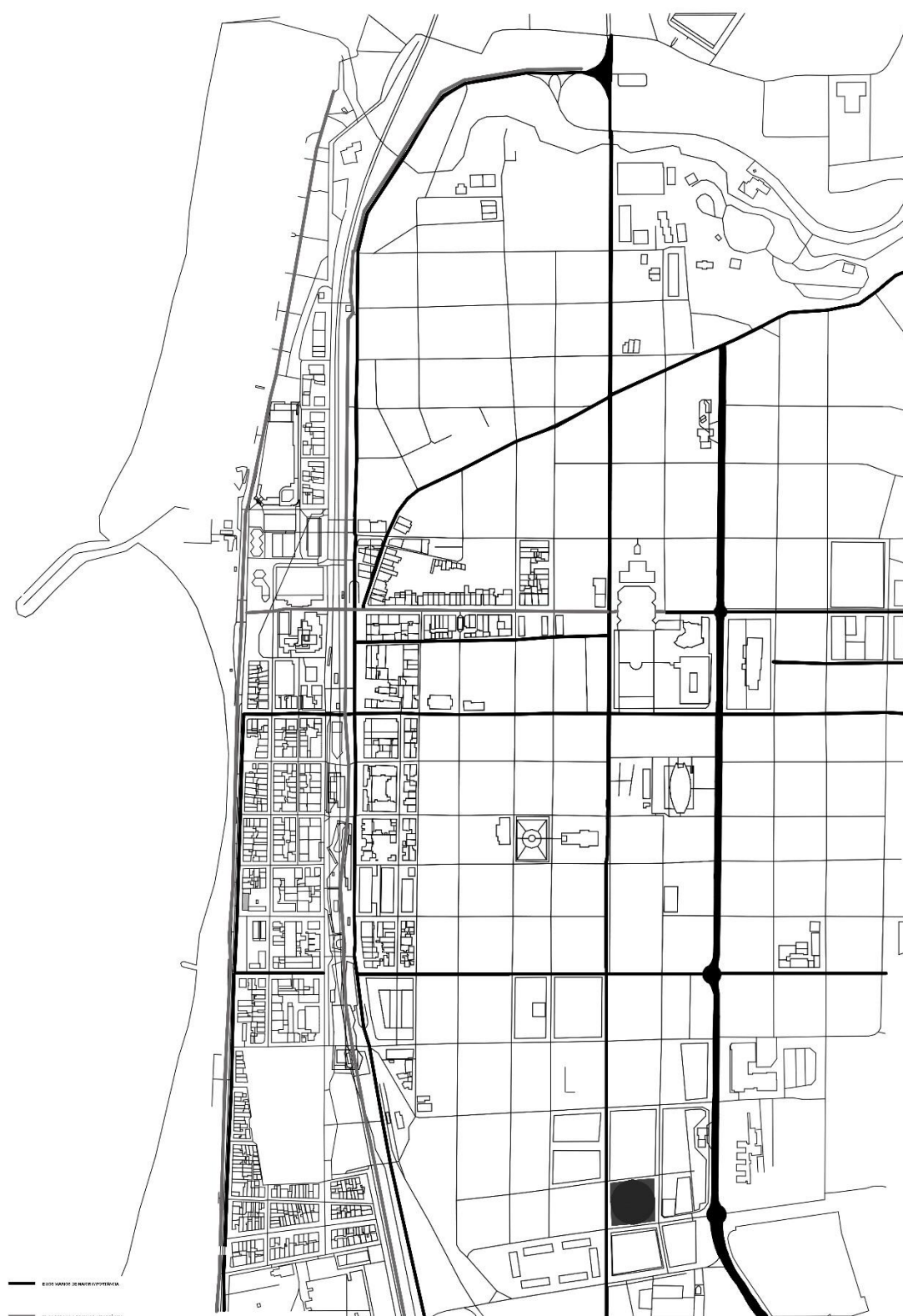


Figura 4. Planta dos eixos viários. Fonte: Desenho do autor

a surgir no meio do areal os chamados palheiros. Habitações precárias, construídas em madeira e palha.

Nos primeiros tempos, serviram de abrigo apenas durante a época de pesca, pois quando esta terminava, regressavam novamente às suas terras. Mais tarde, no final do século XVIII, os pescadores, decidiram juntamente com as suas famílias, fixarem-se definitivamente para Espinho. Foram construindo cada vez mais palheiros, o que se veio a revelar num desenvolvimento urbano repentino.

A única forma de sustento destes habitantes até então, era a venda do peixe, o que por vezes podia ser preocupante, pois a ferocidade do oceano, por vezes, não permitia a saída das embarcações. Em alguns momentos, haviam investidas marítimas, perdiam-se troços de costa, o que resultava em sucessivos novos desenhos do perfil da cidade.

Após uma subida destrutiva do mar, no fim do século XIX, fez-se o levantamento da povoação existente, e elaborou-se uma planta de desenvolvimento da cidade. Neste âmbito, foram traçados os primeiros apontamentos da malha quadricular ortogonal, que tentou agregar o aglomerado de palheiros existente, mas a organização espacial deste polo habitacional, dificultava a sua integração na retícula.

No início do século XX, realiza-se uma versão melhorada deste plano. Desta vez, com uma forte afirmação dos quarteirões perfeitamente ortogonais, o controlo do núcleo de palheiros era notório, conseguiram dissimularlos na quadricula. A malha, foi então a solução encontrada para que, fosse mais fácil controlar a expansão de Espinho, sendo ainda hoje utilizada.

A grelha que compõe Espinho, ao longo de toda a sua extensão, contém factos que a distinguem de outras urbanidades. A cidade pela sua ortogonalidade, vive de eixos. Um deles é a linha férrea de superfície, que surge a meio do século XIX, e é notoriamente um elemento estruturante que fragmenta a malha, divide a cidade em duas partes, faz a separação entre a zona pobre, o sítio dos pescadores a poente da linha, da zona rica, onde estavam os fidalgos e os burgueses a nascente. Atualmente, acontece o inverso, as habitações mais invejadas são as que se encontram perto das praias.

Todavia, há uma componente impactante na cidade, a chegada do comboio, é um dos elementos notáveis, que impulsionou o crescimento económico e demográfico de Espinho. A cidade, tornou-se mais apelativa com o aparecimento deste meio de transporte, a facilidade com que as pessoas se podiam deslocar, era uma novidade para a época, facilitando também o transporte de mercadorias, o que permitiu o melhoramento de toda a atividade comercial e industrial.



Figura 5. Praia de Espinho. Fonte:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=145181645106371&set=pb.100088436072166.-2207520000.&type=3>



Figura 6. A pesca. Fonte:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=145181645106371&set=pb.100088436072166.-2207520000.&type=3>

Foi através do transporte ferroviário que, a cidade começou a receber cada vez mais visitantes ocasionais, provenientes do restante país e de Espanha, consolidando-se assim cada vez mais como um destino turístico. Anos mais tarde, com o evoluir da urbanidade, decide-se que a linha do comboio devia ser subterrânea, por uma questão de comodidade. Resultando no desenho de uma grande alameda, com acontecimentos diversos, como são exemplos, zonas de estar e um pequeno parque infantil.

O rápido desenvolvimento económico que o comboio proporcionou á cidade, permitiu que, no fim do século XIX, a par de toda a atividade industrial e comercial, comesçassem a aparecer vestígios de uma atividade que viria a ter tanta importância, a feira. Por ser novidade e bem servida a nível de transportes, rapidamente passou a ser uma atividade de destaque em Espinho. Começou por ser uma simples feira local, mas com o tempo, foi atingindo grandes dimensões, o que permitiu albergar cada vez mais comerciantes e consecutivamente aliciar uma maior população.

Atraia habitantes locais, assim como das regiões mais próximas, e por isso, foi-se transformando parte da vida social e cultural de Espinho. Era um importante ponto de encontro entre comerciantes e compradores. As pessoas reuniam-se para socializar, e tratava-se mais do que uma simples atividade comercial, uma tradição local. Devido á sua dimensão e variedade de produtos disponibilizados, foi sendo considerada uma das maiores feiras de Portugal, consequentemente uma das mais conhecidas, foi desempenhando um papel de elevado interesse na vida da cidade, até que, num panorama mais recente, já é vista como uma atração turística.

No que diz respeito a elementos destacáveis em Espinho, o jogo, aparece como tal. Atividade intrínseca na vida social e cultural de Espinho. Começou nos cafés e tornou-se facilmente num dos passatempos de eleição dos habitantes desta urbanidade. Com o passar do tempo, os homens do estado, foram se apercebendo que, poderia ser uma mais valia para a cidade, centrar o jogo num único edifício, e então mandaram construir, o casino peninsular. Por ter surgido a partir do café peninsular, tinha um aspeto mais urbano, seguia as características da sua envolvente, apesar de ser um edifício de grande escala, a sua imagem era discreta. Mais tarde, foi demolido para dar lugar a um novo, o grande casino. Edifício que tal como o anterior, mantinha as características da sua envolvente. Anos mais tarde, foi construído um terceiro, novamente muito discreto, com fachadas bastante depuradas de decoração, até que, se decidiu revestir todas as suas fachadas, tornando-o contrariamente aos anteriores, num edifício que chama a atenção do seu público. Diante disso, poderá se duvidar que Espinho é cidade de jogo? Não se crê.

No que concerne aos elementos notáveis, as suas conexões são quem forma o todo



Figura 7. Casino peninsular, Espinho. Fonte:
https://lh3.googleusercontent.com/-t6VT5_YCwco/WyX5z3kG7pI/AAAAAAAB_Po/87v0rI7NqSItAZq2mqLfLFmXyO3pdogsACHMYCw/s1600-h/Casino-Peninsular-124



Figura 8. Grande casino, espinho. Fonte:
<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/06/casino-e-palacio-hotel-de-espinho.html>



Figura 9. Atual casino. Fonte:
<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/06/casino-e-palacio-hotel-de-espinho.html>

que é a cidade de Espinho, é preenchida pela malha quadricular ortogonal, bastante idêntica à versão desenhada no século XX.

Através da relação entre os factos notáveis e os eixos estruturantes, reside a essência da malha, a função desta conexão é tentar quebrar a rigidez transposta pela ortogonalidade dos quarteirões.

E é por isso que, através de um olhar distante, sobrevoando toda a paisagem urbana, podemos de forma um pouco atrevida afirmar que, Espinho é uma cidade Romana. É Roma modernizada. O “Cardus” e o “Decumanos”, são os eixos que definem toda a estrutura urbana. No cruzamento destes dois eixos, está o centro da cidade, a câmara municipal, isto é, o Fórum contemporâneo. A cidade em grelha, com acontecimentos diversos e edifícios destacáveis que se misturam com a quadricula, crescem a partir destes dois eixos, é a partir deles que, toda a urbanidade se desdobra.

Um eixo estruturante é a rua 19, o “cardus”, une elementos significativos como, o mar, o casino, a câmara municipal e a autoestrada, atravessa a cidade de poente a nascente, e é um elemento de união com outras localidades. A história desta rua, demonstra-nos o seu carácter de “avenida” comercial, mantendo até à atualidade, esta característica, que fez com que num troço se fechasse o trânsito automóvel. Num contexto reflexivo, a rua 19 foi e continua a ser um dos lugares de eleição da vida social da cidade, assumindo uma grande importância, ao ponto de poder ser considerada o eixo principal de Espinho.

No entanto, um outro eixo relevante na cidade, o “decumanos”, resulta da união de vários factos notáveis, que atravessam a cidade de um lado ao outro, não existe propriamente um alinhamento retilíneo, o que o torna bastante dinâmico. Designadamente, o Pavilhão da Associação Académica, fica na fronteira norte, a Câmara Municipal, a Biblioteca José Marmelo e Silva, o Centro Cultural Multimeios, todo o espaço dedicado à Feira Municipal, atividade muito importante como já referido, e por fim o Quarteirão da Praça de Touros, que fica na fronteira sul, assumem-se como os elementos destacáveis que compõem o eixo.

Um caso particular, é a rua 62, a única diagonal, tendo grande destaque, é a exceção na quadricula. No primeiro plano em que a malha apareceu, este arruamento já estava presente, no entanto, a excecionalidade da diagonal, perde-se nos seus quarteirões, são praticamente iguais a todos os outros, apenas com uma diferença que os distingue, têm uma das faces rompidas pela passagem desta rua, e, portanto, não existe excecionalidade na sua totalidade.



Figura 10. Planta "cardus e decumanos" de Espinho. Fonte: desenho do autor

Analisando o anteriormente exposto, damos conta que os eixos se assumem como linhas imaginárias que contêm notoriamente relações que ajudam na dinâmica da cidade. No cruzamento entre a rua 19 (cardus) e o eixo de factos notáveis (decumanos), está o centro de Espinho, que curiosamente, é o lugar onde está a Câmara Municipal, o que a torna num dos edifícios mais importantes.

Efetivamente, a organização espacial de Espinho, possui alguns acontecimentos que a influenciam, tais como, os eixos e os factos urbanos. Uma característica interessante desta forma de organizacional em quadricula, é que, sempre que duas ruas se cruzam existe contacto visual com o oceano, destacando assim a sua importância na vivência da urbanidade.

Analisando, existem características que, ajudam a definir com qualidade a cidade de Espinho, nomeadamente, a localização dos postos de combustível, que estão implantados apenas nas saídas da cidade, retirando do centro urbano a confusão que se cria com o abastecimento das viaturas.

No que diz respeito aos equipamentos de maior escala, estes encontram-se maioritariamente nas periferias, pois são sítios com espaços de maior dimensão, e também permitem que o acesso a estes edifícios seja mais rápido.

Relativamente à envolvente mais próxima das escolas, existem sempre restaurantes e mercados, de forma a fornecer apoio à comunidade escolar, professores, alunos e funcionários. Estes espaços, são apoiados pela existência de paragens de autocarros, que se verificam nas ruas que fazem ligação de Espinho a outras regiões. Ou seja, na avenida 24, rua que une Espinho a, São Félix da Marinha e Silvalde. E na rua 19, que faz ligação a outras localidades através da autoestrada. Assim, evita-se congestionamentos de trânsito no centro urbano, causados por estes veículos de grande escala.

Todavia, ainda existem alguns espaços por consolidar, nomeadamente aqueles que estão ao abandono, pois criam um marco negativo na paisagem da cidade.

Espinho, vive da conexão entre cheios e vazios, da conexão dos eixos de factos notáveis com a malha, ao mesmo tempo, da confrontação entre dinâmica de acontecimentos e rigidez da ortogonalidade.



Figura 11. Planta de equipamentos. Fonte: desenho do autor

2.2 PRAÇA DE TOUROS

Em verdade há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, que reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua atualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas.⁵
Fernando Távora

As corridas de touros, representam uma tradição enraizada em muitas sociedades, principalmente em Portugal e Espanha, todavia a sua implementação não foi processo fácil na cidade de Espinho. Surgem da caça, e da preparação militar do Homem, marcavam momentos importantes como, casamentos, coroações e nascimentos reais, e outros eventos significativos. Essas corridas, consistiam na lide de touros bravos, realizada a pé, pelos forcados, ou a cavalo, pelos cavaleiros.

Em Portugal, esta tradição era especialmente enraizada na zona do Ribatejo e Alentejo, embora a primeira corrida datada tenha ocorrido Lamego. A tauromaquia, é uma prática antiga, sendo por isso, impossível definir uma data exata do seu surgimento.

Com a evolução das sociedades, as touradas em Portugal, foram perdendo o seu estatuto, passaram de marcos de momentos relevantes, a apenas espetáculos de entretenimento, sendo que, nos últimos anos, com as associações de proteção dos animais, tem-se tentado encerrar em definitivo esta atividade. Em vista disso, algumas praças foram demolidas e outras deixadas ao abandono.

Notavelmente, têm-se assistido á reabilitação destes espaços para usos mais adequados aos tempos atuais, estes casos, sucederam-se principalmente na região norte de Portugal, talvez por não ser lugar para esta atividade.

Em relação a espinho, a praça de touros, tal como muitas outras, foi deixada ao abandono. Mas, terá sido por falta de adesão, ou desinteresse?

Não parece ser o caso, as corridas de touros estavam há muito presentes no cotidiano da cidade. Existiram 4 praças, em localizações distintas, acabando todas com o mesmo destino, deixadas ao abandono. Talvez fosse uma tentativa forçada de impor uma tradição que não se adequaria à zona.

⁵ Fernando Távora, 2015- Porto. Da organização do espaço, p.58



Figura 12. Antiga praça de touros, Espinho. Fonte: <https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2015/12/07/praca-de-touros-de-espinho-vai-a-hasta-publica/41422/>

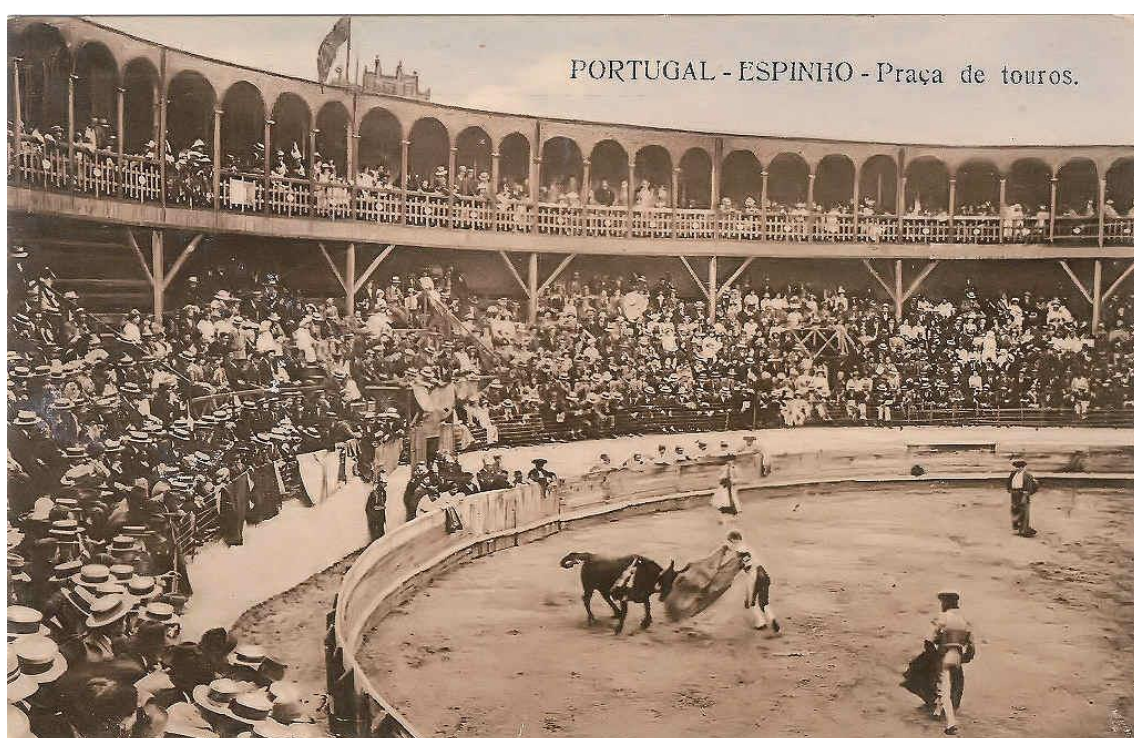


Figura 13. Corrida de touros. Fonte: <https://farpasblogue.blogspot.com/2015/12/vendida-e-demolidadeus-praca-de.html>

A primeira praça de touros ficava entre as atuais ruas 20/19 e 15, o centro da cidade, local onde hoje está o largo da câmara municipal. Foi construída em madeira no fim do século XIX, após alguns anos de uso, tornou-se insegura e foi substituída por uma em pedra, erguida no início do século XX, numa localização diferente, oito quarteirões a sul, entre as atuais ruas 18/20/37/39, ficando praticamente na fronteira com Silvalde. Foi utilizada para usos mais diversificados, realizaram-se espetáculos de folclore e bailes. Esteve ativa até meio do século, depois teve o mesmo desfecho da anterior, foi demolida devido à inatividade.

A terceira, foi construída no terceiro quartel do século XX, resultado de uma iniciativa do jornal "Defesa de Espinho". Implantada, entre as ruas 20/22/39/41, mantendo uma localização muito próxima à anterior, na fronteira sul da cidade. Era desmontável e por isso, usufruiu de um período de vida curto, apenas um ano de funcionamento.

Por fim, a quarta e última, foi a primeira grande obra encomendada pelo grupo Solverde. Estava situada no mesmo quarteirão da anterior. A corrida inaugural, foi feita no fim do terceiro quartel do século XX. No fim do século, passa para posse da junta de freguesia, que após a sua tomada de posse, a converte também num recinto de desportos radicais para os jovens. Após encerrar o seu uso, demorou alguns anos até obter o mesmo desfecho das anteriores, só à relativamente pouco tempo atrás é que houve ordem de demolição.

A presença das touradas na cidade obteve períodos de grande popularidade, a aceitação do público local e nacional, o fácil acesso proporcionado pela existência da linha férrea fazia desta uma atividade relevante na cidade, o comboio, permitiu que, pessoas de outras regiões se deslocassem para assistir a estes eventos, assim sendo, em dias de tourada a cidade enchia-se de multidão, o que era bastante benéfico para Espinho, pois o comércio local beneficiava com estas enchentes de população, e secalhar daí vem, as contantes tentativas de impor este evento cultural.

Todavia, após se saber do desfecho das praças que existiram, surge consequentemente a seguinte questão, Espinho seria cidade para esta atividade?

Não se pode responder com certezas. O que se sabe é que, na região Norte, não existiam touros, não havia toureiros, como também não tinha forcados. Sempre que se realizava uma corrida, tanto os touros, os toureiros e os forcados vinham da região do Ribatejo ou Alentejo. Em vista disso, acredita-se que nem Espinho, nem a região Norte, poderiam ser lugar para touradas. No caso da cidade de Espinho, é comprovado pela existência das 4 praças de touros fracassadas. Todas com o mesmo desfecho. Abandonadas até serem ruínas.

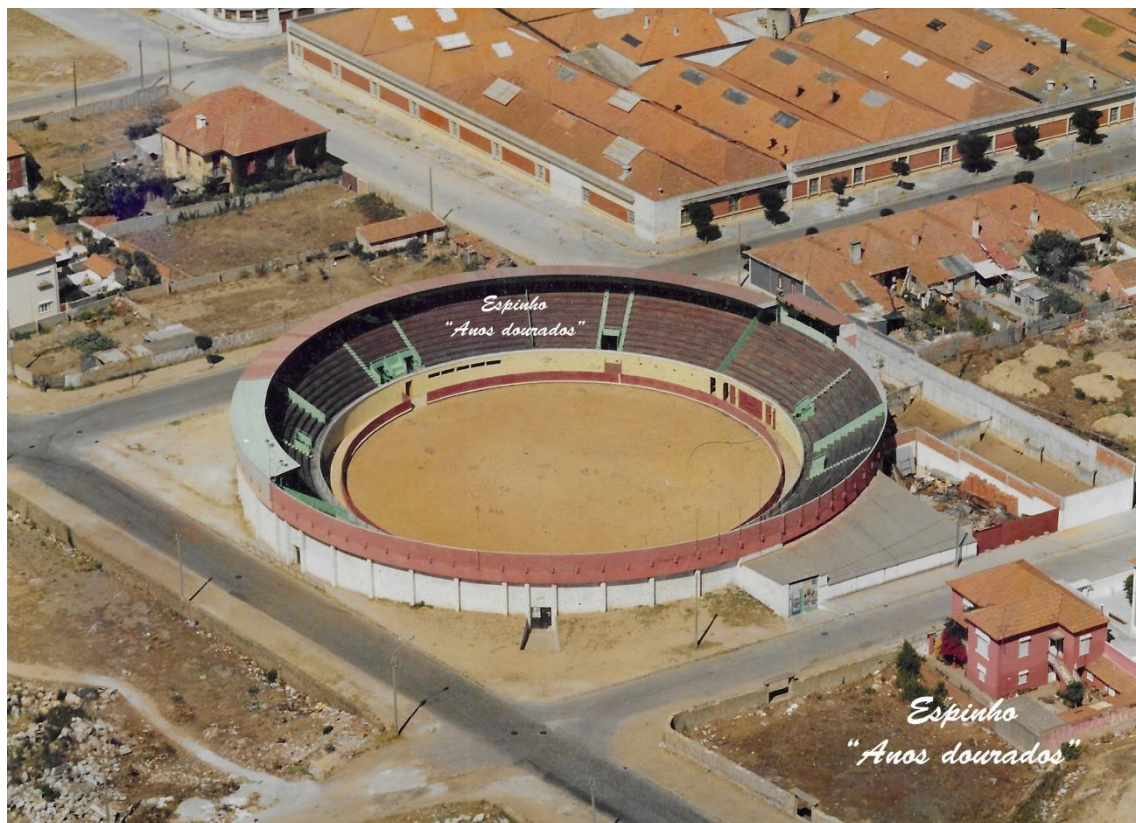


Figura 14. Última praça de touros, Espinho. Fonte:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=239357669022101&set=a.100781999546336>

3. O PROBLEMA

3.1 A INDECISÃO

O tema escolhido para este projeto é, a reabilitação de um quarteirão na cidade de Espinho.

A seleção de Espinho, como lugar de intervenção, deve-se sobretudo ao facto de lá vivermos, bem como o destaque da sua malha ortogonal que, em comparação com outras cidades portuguesas fez-nos recair nesta decisão.

Para o desenvolvimento da proposta, foi realizada uma análise da malha que, permitiu decifrar elementos e fatores de diferenciação relativamente á restante urbanidade. Destaca-se a existência de uma métrica que, organiza espacialmente e formalmente os quarteirões. Esta, sugere um corpo, a malha ortogonal quadricular, que dita a forma como a cidade se gere e cresce, muito pela conexão entre o *mar* a *terra* e a linha ferroviária. Este modelo de crescimento urbano, levou a que existissem espaços por consolidar, e alguns espaços expectantes. Mas, o que são espaços expectantes? Resumidamente, podemos descrevê-los como lugares que têm uma atitude “inquieta”, ou seja, espaços que sugerem algum tipo de desenvolvimento, ou proposta de intervenção, por serem de algum modo, espaços sobranceiros ou, não resolvidos pela arquitetura.

O processo de análise, e escolha de um quarteirão que, possuísse estas características, foi bastante complicado e demorado, de muitas incertezas e mudanças.

A sequência da observação, levou então, à seleção do quarteirão da antiga praça de touros de Espinho. Aparentemente uma escolha acertada, dado que se trata de uma zona de fronteira, composta maioritariamente por edifícios habitacionais, mas também, por alguns equipamentos de elevada importância. Destacam-se, os supermercados, o centro de saúde, e o hospital. Apesar de a análise sugerir que, este poderia ser um bom espaço onde intervir, a falta de mais argumentos levaram a que esta decisão fosse colocada de parte.

Na quadricula, aparentemente toda igual, ressaltou à vista um enorme vazio que era preciso “cozer”. Numa zona privilegiada, pela sua proximidade com as praias e o comboio, um espaço sem intervenção, sem um plano. Um espaço expectante! O estádio do clube de futebol da cidade de Espinho. Aparentemente, oferecia as condições ideais para uma intervenção relevante para a cidade, efetivamente pela sua memória e dignidade, merecia que este vazio fosse colmatado.

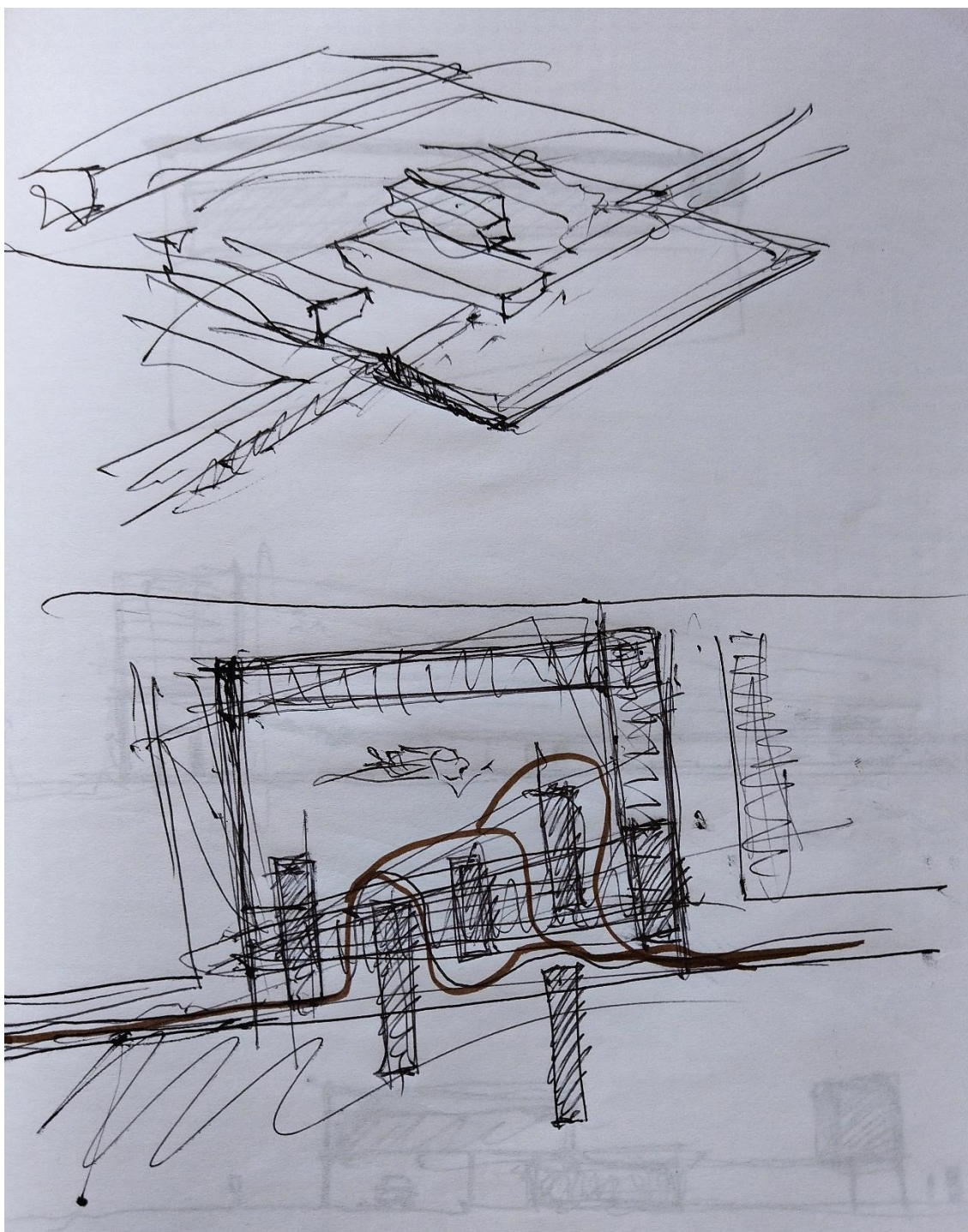


Figura 15. Proposta para o quarteirão do estádio municipal. Fonte: desenho do autor

Não sendo fácil relacionar este espaço com a restante cidade, procedemos ao estudo da sua envolvente mais próxima, a fim de definir, por algumas pistas que surgissem, o ponto de partida para a proposta. Este entorno, é constituído por casas de pescadores, com uma identidade muito própria, o que só criou mais incertezas. Para a realização desta ideia, previa-se a demolição de algumas destas habitações, o que seria descabido, sendo que este casario é a imagem original da memória da cidade. Assim, percebendo que a proposta rompia com o princípio da consolidação, foi inevitável procurar um novo espaço.

Mais uma vez, e voltando com um novo olhar para a malha que compõe a cidade de Espinho, surgiu uma rua, que rompe com esta noção de quadrícula, a Rua 62, a única rua diagonal, e por isso, a exceção. Apesar disso, notou-se que, os quarteirões mantinham a ortogonalidade da malha, apenas possuindo uma das suas faces rompida. O desenho da proposta, centrava-se apenas na reorganização de quarteirão, logo, não se apresentava suficiente para se constituir no espaço final de intervenção, uma vez que esta zona, apesar de tudo, se apresenta de alguma forma, consolidada.

Apesar das dificuldades sentidas para encontrar um espaço de intervenção, a lista e noção de que existem vários espaços a necessitar de propostas de consolidação, levou a que surgissem palavras-chave, sendo a mais relevante, a palavra “exceção”. Esta descoberta, permitiu desenvolver um segundo método de análise, muito mais enraizado com a ideia proposta neste projeto.

O que é exceção? Como é que esta surge? É possível materializar a exceção? Se sim, como? Como pode a exceção trazer algo novo à cidade? Onde pode surgir? Estas são algumas das perguntas cuja resposta, através da intervenção numa malha complexa pela sua rigidez ortogonal, poderiam constituir a base sólida de uma escolha.

Neste âmbito, para a exceção fazer sentido, refletiu-se que seria necessário ver a malha quadricular enquanto regra, é então a própria condicionante, tornando-a homogénea, monótona, parada no tempo. Portanto, a materialização da ideia de intervenção teria de ser realizada numa dessas exceções, ou seja, numa contraposição à malha.

Uma das análises que surgia como uma mera hipótese de estudo, pela falta de argumentos que justificassem uma escolha, tornou-se agora na clara resposta à exceção: o quarteirão da antiga praça de touros. A forma circular que o espaço e a antiga ruína evocam, é a verdadeira noção de exceção em Espinho. Vive de um carácter próprio. Tem o seu “tipo”, que se destaca claramente da restante malha urbana, efetivamente, é em si, um símbolo que se isola da restante cidade.

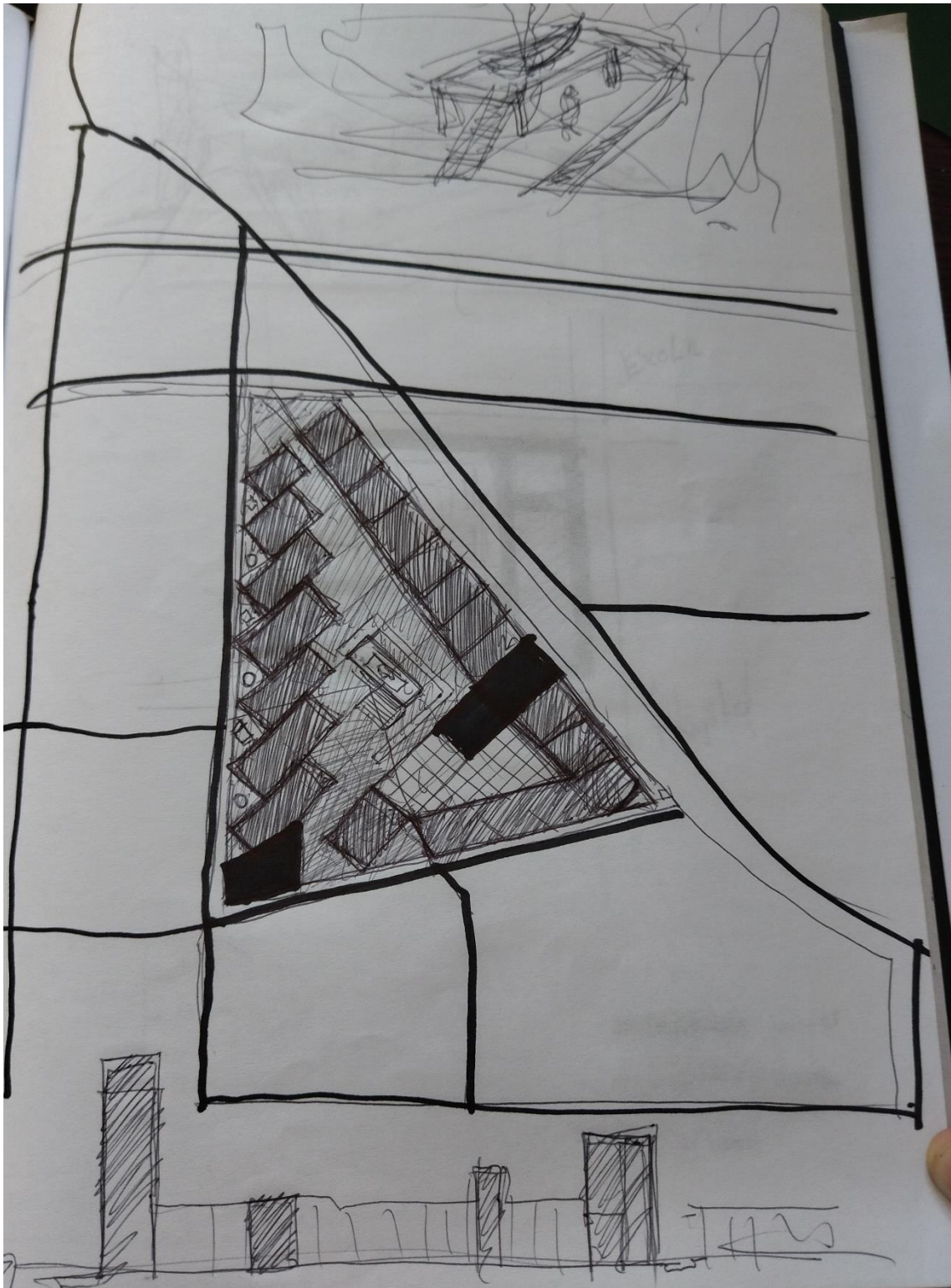


Figura 16. Proposta para um quarteirão da rua 62. Fonte: desenho do autor

A praça de touros, pertence a um eixo estruturante, composto por diversos elementos notáveis, nomeadamente, o Pavilhão da Académica, a Câmara Municipal, a Biblioteca Municipal e a zona da Feira, que lhe concedem bastante visibilidade e importância. A sua grande proximidade à Feira Municipal - elemento notável na história e atualidade de Espinho - permite que esta fronteira obtenha destaque, contrariamente ao que acontece noutras cidades portuguesas. Normalmente, as fronteiras são zonas esquecidas, abandonadas, pelo seu distanciamento ao centro, são espaços sobranceiros, o que não acontece de todo, no quarteirão de intervenção.

Assim, por definição etimológica, *exceção é algo excluído da maioria, não pertence a um todo. É um desvio de um padrão estabelecido. O rompimento do que se considera normal. Por isso, não existe regra sem exceção.*

A proposta de intervenção, é consequência da nossa necessidade de contrariar a homogeneidade da paisagem urbana de Espinho, provocando um ato dinâmico no traçado da cidade. O facto de se realizar no quarteirão da praça de touros, permitirá continuar a exceção imposta pela identidade deste quarteirão. Assim, para que existisse exceção no seu todo, foi necessário entender como funcionavam os restantes quarteirões. Só assim, a intervenção conseguiria romper com o padrão estabelecido.

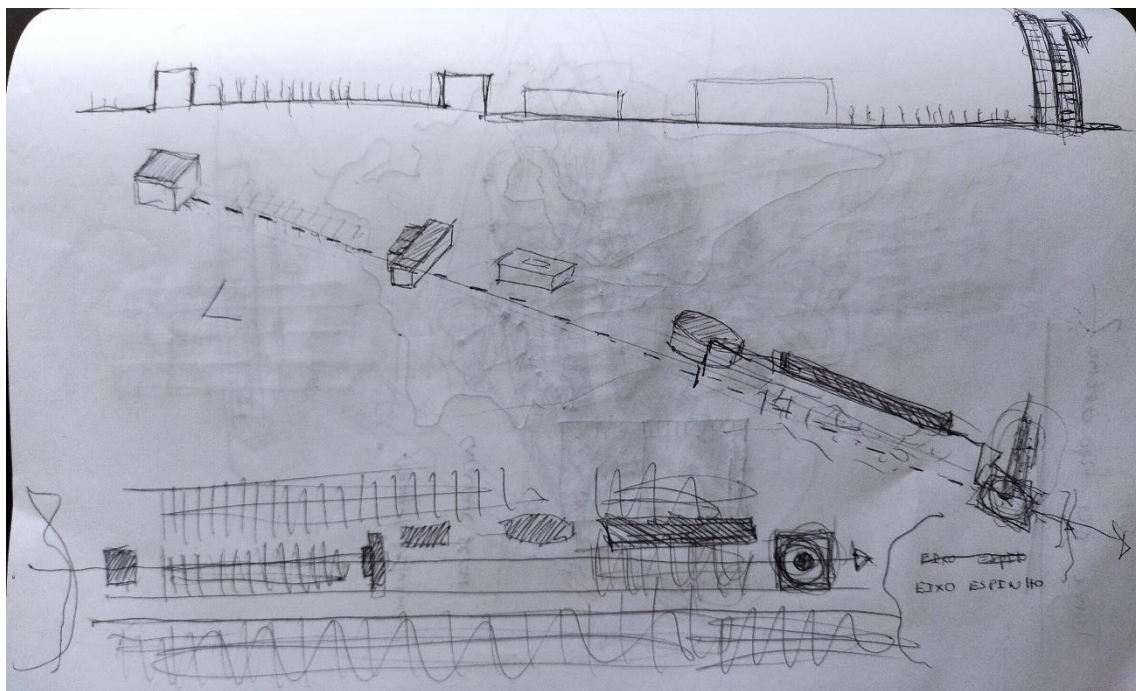


Figura17. Eixo de elementos notáveis. Fonte: desenho do autor

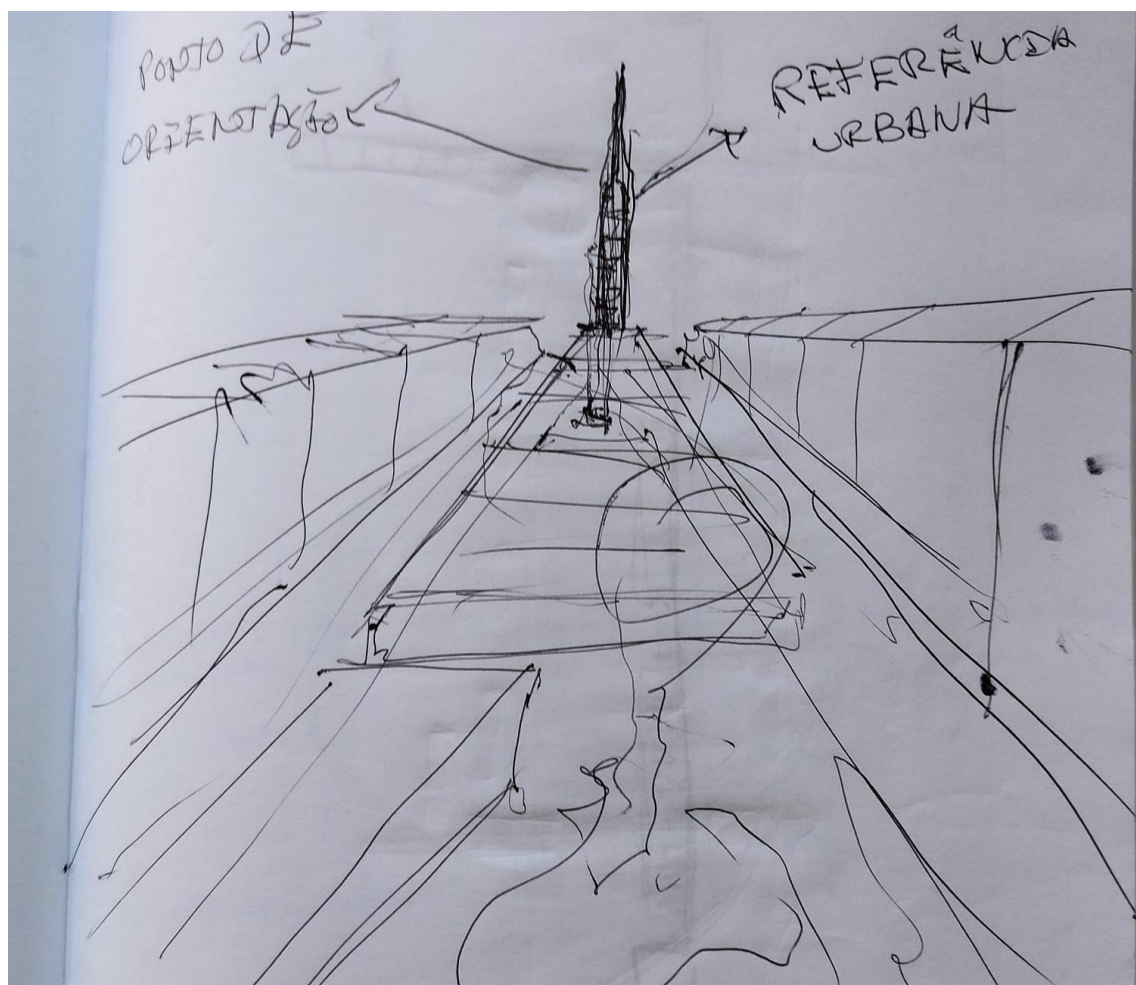


Figura 18. A torre. Fonte: desenho do autor

3.2 A TORRE

Espinho, que se caracteriza por uma paisagem composta por edifícios ora cinzentos, ora de volume duvidoso, carece de elementos que sejam discordantes a esta composição. Será por isso necessário dar “vida” a uma nova imagem urbana, que quebre com a identidade monocórdica que define a cidade. No seio de uma serenidade regular, surge a vontade de projetar um edifício que desafie a regra, que simbolize a exceção, em contexto preso a uma quadricula estagnada. Uma torre, seria o caso.

Este “tipo” de edifício, claramente se destacará em relação à restante cidade, opondo-se totalmente à horizontalidade exibida pela regra quadricular, afirmando-se como exceção. Não é apenas uma forma de oposição perante uma reticula constante, mas também, uma nova proposta de crescimento perante uma cidade que, de algum modo se encontra cristalizada.

Situada numa zona de transição entre a área predominantemente de perfil habitacional, e a área industrial, procuramos que, a construção proposta seja um elemento de ligação entre estas zonas de tipologias distintas, dando continuidade ao eixo a que este quarteirão pertence. Não se pretende marcar o fim do eixo, mas sim projetar um novo começo, abrindo portas para que novas exceções possam surgir no futuro.

Assim, a proposta de intervenção, marcará a diferença numa cidade com um carácter homogéneo, preso a uma regra de organização e desenvolvimento: a malha ortogonal. A expressa vontade de inovação e evolução da cidade de Espinho, é claramente, em forma de protesto, a oposição à estagnação da cidade.

A arquitetura, deve sempre procurar acompanhar a atualidade, tentando responder às necessidades emergentes. A evolução na arquitetura permite o crescimento e desenvolvimento das sociedades. Neste sentido, este projeto, é também uma declaração das intenções de desenvolver uma futura urbanidade mais dinâmica e adaptada aos tempos atuais.

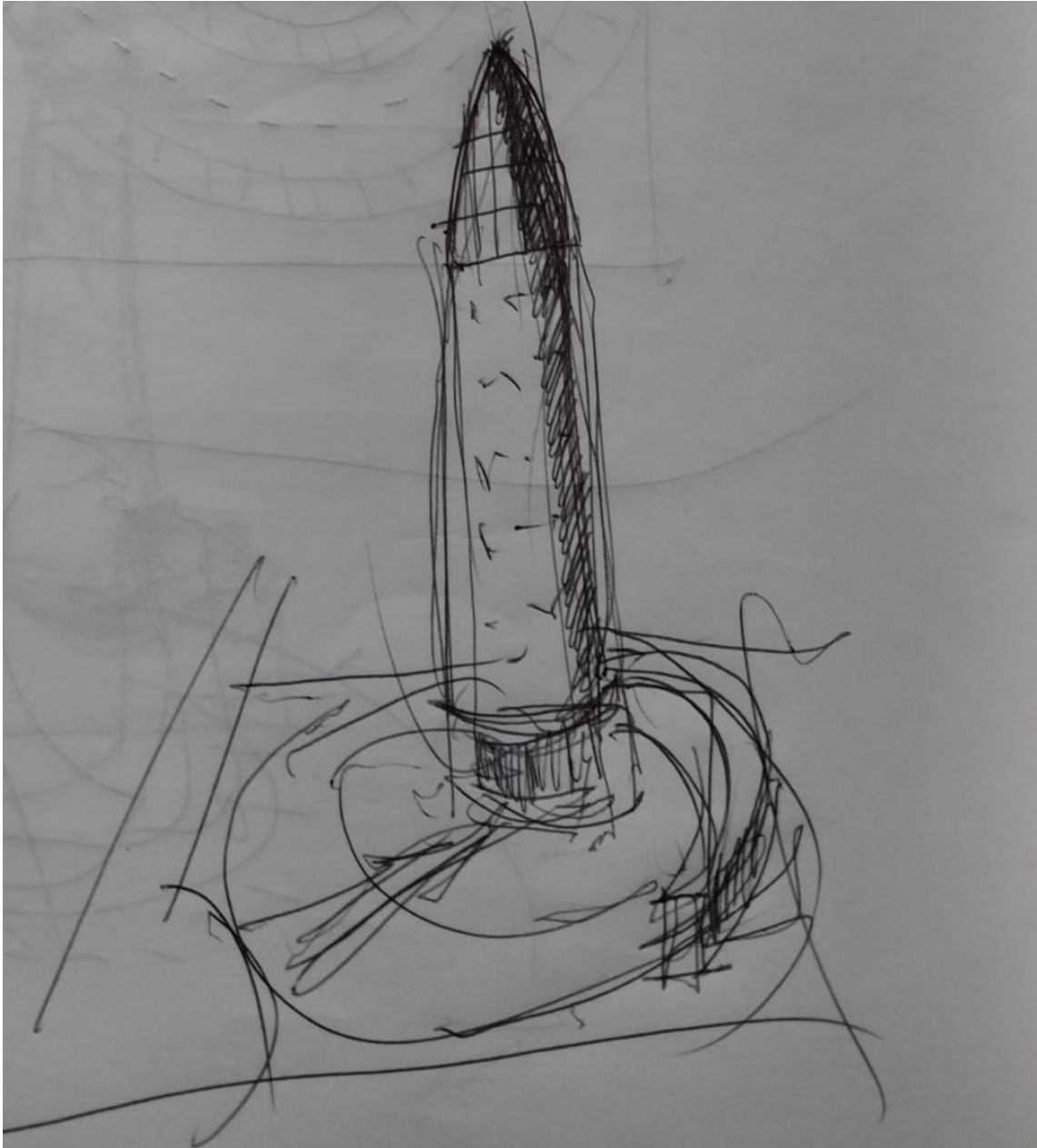


Figura 19. Aproximação à ideia da torre. Fonte: desenho do autor

4. CASOS DE ESTUDO

4.1. ARCO DE LA DÉFENSE, Johan Otto Van Sperckelsen

O arco de la défense, situa-se no bairro de la defense na periferia oeste de Paris, França, o mesmo foi projetado pelo arquiteto Johan Otto Van Sperckelsen, nos finais do século XX.

O grande arco, é efetivamente grandioso, com envergadura de 110 metros de altura, 108 metros de largura, 112 metros de profundidade, e a particularidade da sua forma oca ser similar a uma espécie de quadro, coaduna-se com a paisagem urbana. O programa deste edifício, está inteiramente relacionado com a área envolvente, centro de negócios. Atualmente, ambas as laterais do arco possuem escritórios, sendo que, uma das suas faces é destinada ao governo. No que diz respeito à parte superior, existe um museu e um restaurante, a cobertura visitável é considerada um dos melhores pontos de Paris para uma visão panorâmica da cidade.

A implantação deste edifício, foi cuidadosamente pensada, encontra-se no alinhamento do eixo histórico de Paris, e forma dois eixos secundários, um com a Torre Eiffel e outro com a Torre Monteparnasse, o que reforça a sua importância. Contudo, a sua relação mais direta é com o eixo histórico, que é composto pelo Louvre, passa pelo jardim das Tulherias, pela praça e Obelisco da Concorde, pelos Campos Elísios, pelo Arco do Triunfo, por Porte Maillot e finalmente acaba no Arco de la Defense. A configuração do referente eixo como o conhecemos hoje, apenas se revela completa no decorrer do século XX.

O desenvolvimento deste traçado que se perlonga ao longo de 7km em Paris, cria uma grande linha reta imaginária onde se sucedem vários elementos notáveis de simbolismo e história na cidade. Um eixo que se vai compondo ao longo dos anos, demonstra que para se implantar uma edificação no seu alinhamento, esta tem de ter um cuidado redobrado. A vontade de que, esta seja uma "avenida" preponderante na organização da cidade de Paris, eleva o seu estatuto.

Neste âmbito, o grande arco projetado por Sperckelsen, procura uma conexão entre a beleza estética e técnica. O arco que por si só é uma forma que se sustenta, a própria forma é a estrutura do edifício. O cuidado no enquadramento da paisagem, através da parte oca, demonstra um grande cuidado por parte deste arquiteto que, na época poucos ou nenhum projeto tinha realizado.

O arco de la defense, possui uma ligeira angulação de cerca de 6 graus em relação ao eixo histórico, a mesma, foi motivo da nossa reflexão.

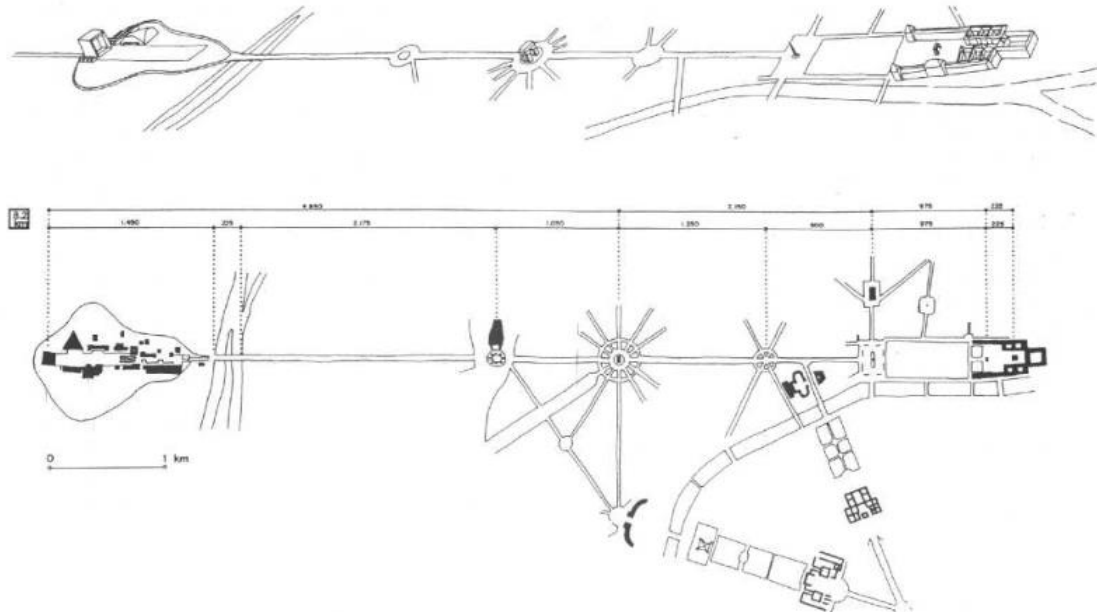


Figura 20. Eixo de elementos notáveis, Paris. Fonte: <https://recyt.fecyt.es/index.php/CyTET/article/view/83688/61772>



Figura 21. Alinhamento do arco de la defense. Fonte: <https://elarquitectoviajero.com/gran-arco-de-la-defense-paris/>

Acreditamos que possa ter sido a vontade de marcar, de uma forma muito subtil e inteligente, o “fim” de Paris, criando assim um elemento marcante na fronteira oeste da cidade. O arco, tal como referido anteriormente, quebra o eixo e consequentemente abre-se para o futuro da cidade, para os seus subúrbios, nesse sentido o arquiteto Johan Otto Van Sperckelsen ter considerado este arco como uma grande janela que se abria para o mundo.



Figura 22. Arco de la defense. Fonte. <https://www.holaparis.com/arco-de-la-defense/>

4.2. LAKE SHORE DRIVE, MIES VAN DER ROHE

As torres Lake Shore Drive, projetadas pelo arquiteto Ludwig Mies Van Der Rohe, estão localizadas em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos da América, tendo a sua construção data de 1951. As mesmas foram pensadas para solucionar, o problema da crescente populacional que se vivia na altura. A solução encontrada, relacionada com a falta de habitação, resultou na imagem que hoje conhecemos de Chicago.

Mies, nestes edifícios, utilizou a sua filosofia de arquitetura que se baseava na simplicidade e funcionalidade, tendo como base a célebre expressão, "Less is More". O idealizado materializou-se em duas torres iguais, de escala modesta, quando comparadas ao panorama geral da cidade. Ainda assim, foram reconhecidas como "Chicago Landmarks", ou seja, pontos de referência de Chicago.

No que diz respeito às fachadas, praticamente todas iguais, as mesmas são compostas por uma grelha de aço pintado completada por painéis de vidro, em que predomina um forte ritmo que organiza todo o alçado. Estas paredes de vidro que limitam os edifícios, abrem-se perante a paisagem desimpedida sobre o Rio Michigan, tornando evidente a relação com o exterior. A estética minimalista, onde a estrutura deixada à vista, tem um papel destacável, e onde o vidro remata a estrutura, são conceitos base que regem o trabalho de Mies.

Quanto ao seu interior, o espaço é totalmente otimizado, designadamente com espaços amplos e flexíveis, permite uma adaptação do apartamento feito pelos residentes. Neste espaço é utilizado o conceito de planta livre, em que, com praticamente apenas três paredes se resolvem todas as divisões. Os armários, têm aqui também, a função de ajudar a separar os espaços. A noção de funcionalismo, é aqui expresso na sua melhor vertente.

Mies Van der Rohe, dava a alcunha a este projeto de "Skin and Bone", pele e osso, confirmando assim esta visão da estrutura à vista, os ossos, estarem intrinsecamente conectados com a organização espacial e o revestimento da fachada, a pele.

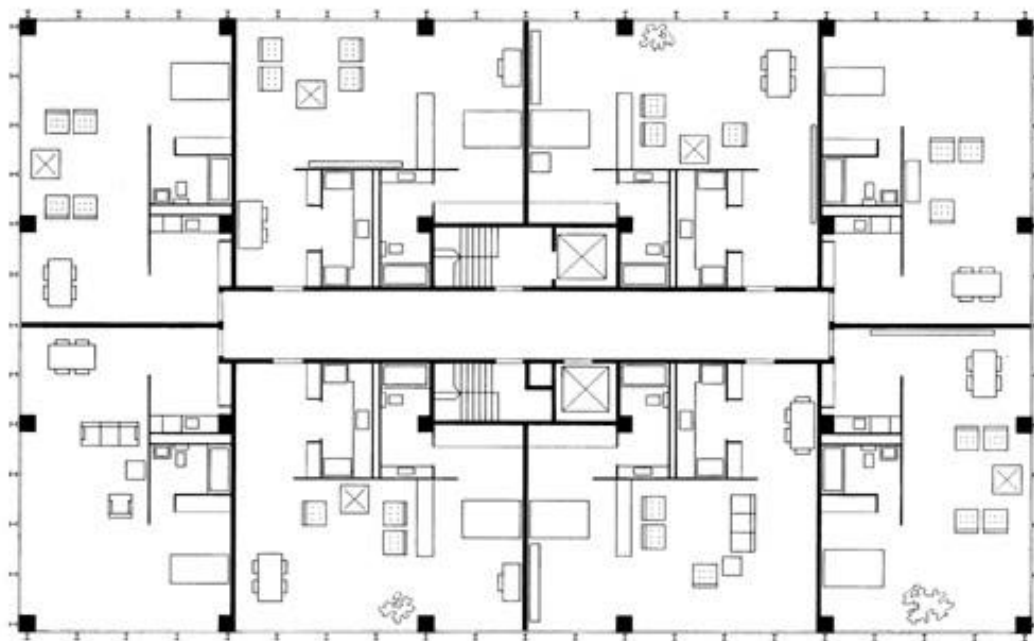


Figura 23. Planta da torre lake shore drive. Fonte: <https://www.archdaily.com/59487/ad-classics-860-880-lake-shore-drive-mies-van-der-rohe>



Figura 24. Torres lake shore drive. Fonte: <https://www.archdaily.com/54260/mies-van-der-rohe-lake-shore-drive-restoration-kruek>

5. O PROJETO

Espinho, uma cidade marcada pela sua rigorosa malha ortogonal, é o cenário para o nosso projeto. Partindo dessa premissa, entendemos a necessidade que tínhamos de desafiar essa uniformidade. A estagnação da quadricula, o caráter monótono, o controlo excessivo na evolução da urbanidade, são fatores que nos incomodavam, deixavam-nos de certa forma, inquietos. Escolhemos reabilitar o quarteirão da antiga praça de touros, precisamente por ir contra a retícula, criando um contraste visual na malha.

O trabalho como oposição à grelha foi claramente a opção a adotar. A “exceção”, serviu como base de orientação de todas as decisões a serem tomadas. Isto é, o projeto tinha de contrariar a quadricula, numa cidade que se apresenta sempre com o mesmo caráter.

A torre que aqui propomos, claramente um ponto de orientação, não só censura a malha, como também serve de lembrança á memória deste espaço, que em tempos, foi bastante importante. O desprezo para com este lugar, o caráter de abandono, demonstra menosprezo em relação a um edifício, e uma atividade, que impulsionou o desenvolvimento da cidade.

Na intervenção que propomos, defendemos e acreditamos que, é perfeitamente viável esta nova forma de fazer crescer a cidade, esta nova maneira de pensar a organização do quarteirão.

Este projeto, passou por diversas fases, onde a dúvida persistiu, e as alterações foram contantes, mantendo se fiel aquilo que é a metodologia de um trabalho deste “tipo”. Após todas estas adversidades, foi-se definindo um programa que se ia ajustando com a evolução dos desenhos, sendo agora a torre, uma espécie de condomínio vertical.

O programa da torre que propomos é:

Piso -2 ao -6: Garagem; Arrumos; Posto de vigilância do segurança; Compartimento de lixos;

Piso -1: Bar; Jardim; Lugar em que a torre toca no chão.

Piso 0: Espelho de água; Cascata; Vestíbulo; Acesso á torre.

Piso 1 a 25: Apartamentos.

Piso 26: Salas polivalente; Compartimentos de reserva.

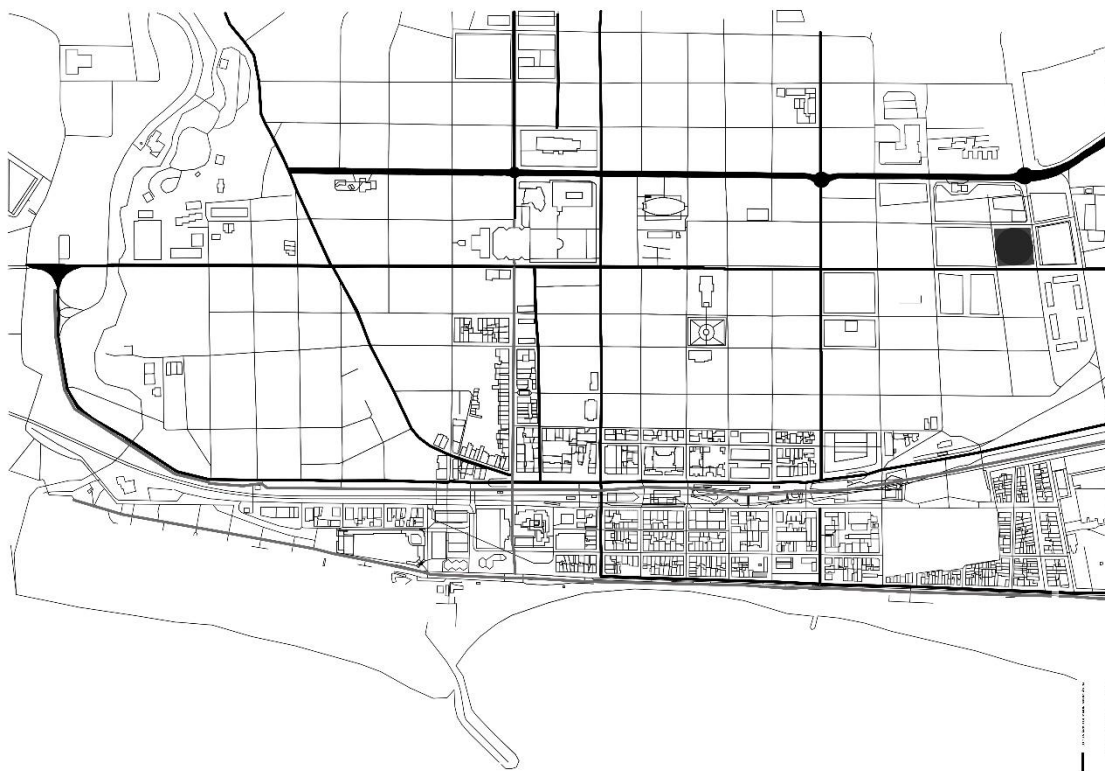


Figura 25. Planta dos eixos viários. Fonte: desenho do autor



Figura 26. Planta de equipamentos destacáveis. Fonte: desenho do autor

Piso 27: Áreas técnicas.

Piso 28: Piscina interior; Sauna; Banho turco; Instalações sanitárias de apoio; Duches; Espaço de armazenamento de limpeza e manutenção.

Piso 29: Apartamento do Sr. Manuel Violas.

Piso 30: Cobertura; Áreas técnicas.

Este programa direccionado para a habitação, começou com um carácter completamente oposto, onde a ideia era projetar apartamentos de custo controlado de forma a resolver o problema da falta de habitação acessível em Espinho. Problema que perdura na cidade.

A malha, impede um possível desenvolvimento e crescimento rápido da urbanidade. O facto de se ter de manter a mesma cêrcea e cumprir com os alinhamentos predefinidos pelo restante quarteirão, sufoca aquilo que poderia ser uma nova proposta de evolução.

Com o decorrer do trabalho, a crítica foi sendo cada vez mais evidente. Não estávamos de acordo com os pressupostos que nos eram impostos pela quadricula. Dai que, o programa foi, passo a passo, se transformando no oposto daquilo que é conhecido nesta urbanidade.

Uma vez que, o quarteirão de intervenção faz parte do eixo de factos notáveis mencionado anteriormente, decidimos descentrar a torre de forma que, este eixo pudesse continuar, não queríamos marcar o seu fim, mas sim permitir a sua extensão.

A utilização do papel vegetal e da caneta como instrumentos de trabalho, ajudou-nos a encontrar caminhos por onde seguir. Descobrimos que seria interessante utilizar a estrutura da torre como um elemento que organiza o espaço. Tal como acontece nas catedrais góticas, onde as 3 naves são definidas pela estrutura do edifício, ou até mesmo como nas torres lake shore drive, um exemplo mais contemporâneo. Portanto, decidimos que não a iríamos esconder, queríamos assumi-la e trabalhar a partir dela. Percebemos ainda que, a proporção ideal para torre seria a de uma coluna, e interpretamo-la numa visão atual, desenvolvendo uma base, um fuste e um capitel que estivesse de acordo com a contemporaneidade. As colunas, foram elementos destacáveis na sua altura pela sua aparente esbelteza e importante função estrutural.

Todas estas decisões preliminares, criaram condicionantes na organização espacial da torre. Ao nível da garagem, foi bastante complicado encontrar uma solução para



Figura 27. Planta de eixo de elementos notáveis. Fonte: desenho do autor

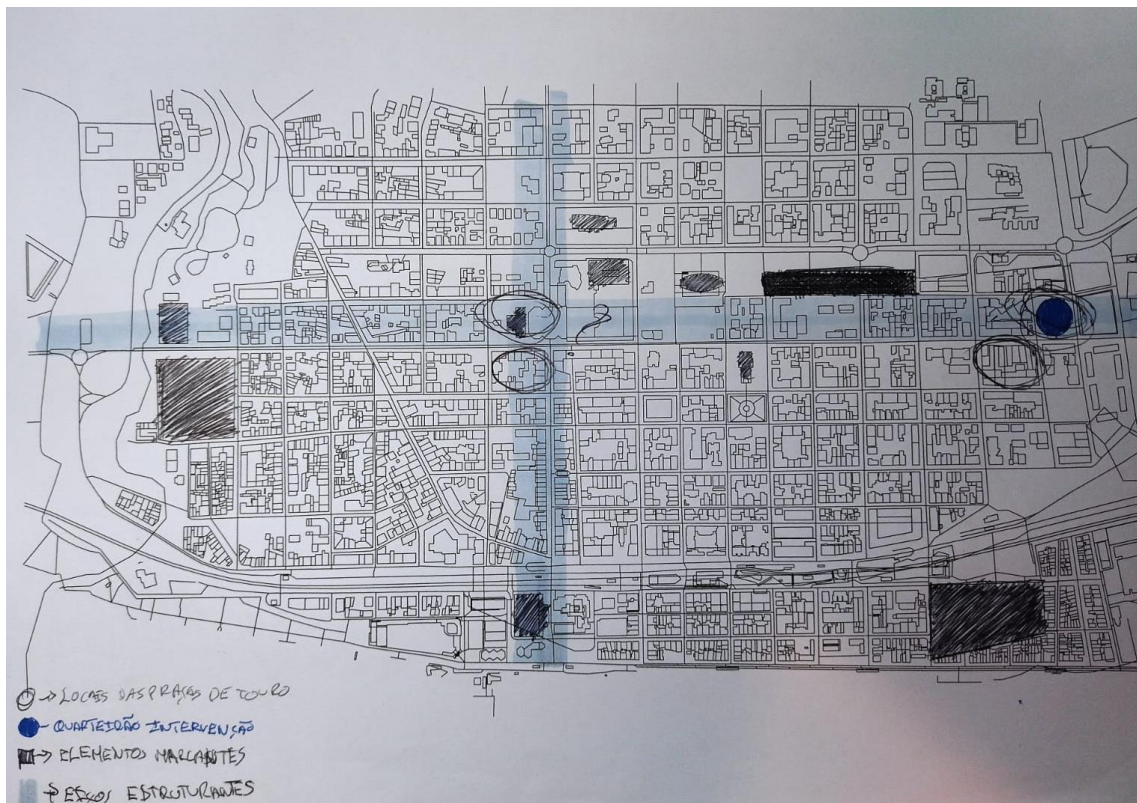


Figura 28. Planta elementos notáveis e eixos estruturantes. Fonte: desenho do autor

a sua organização. Contudo, percebemos desde cedo que, tínhamos de organizar este piso em torno do núcleo de escadas e da estrutura da torre definida. O facto de serem elementos que se encontram descentrados em relação ao quarteirão, dificultou bastante o desenvolvimento de uma proposta. Criamos percursos em torno deste núcleo onde entendemos que seria o lugar dos arrumos, lixos e a sala de segurança. Os estacionamento ficariam nos limites do quarteirão e circundado a zona de arrumos ao centro. Para que fosse possível chegar a uma solução funcional, optamos por utilizar dois centros para a organização deste espaço, o centro da torre e o do quarteirão.

Neste trabalho, a torre tinha de ser a peça de maior destaque. Assim sendo, o bar não podia “roubar” protagonismo, daí que, optamos por desenvolvê-lo no piso subterrâneo. A sala com um grande envidraçado, tem vista para o jardim. Jardim esse que, tem como referência os de Roberto Burle Marx, em que a água e o “verde” comunicam entre si. As curvas, desenvolvidas de uma forma mais livre, desprendida da geometria do círculo, contrastam com a restante proposta, indo de encontro às propostas do arquiteto paisagista brasileiro.

Na proposta procuramos que, o quarteirão vive-se de espaço livre, de acesso a todos. Não queríamos encerrá-lo na totalidade com construção, tal como acontece na restante cidade. Mas sim, que este pode-se usufruir de uma ligação bastante evidente com a rua e com as pessoas. Daí que, no piso 0, o de entrada para a torre, decidimos que deveria existir um cuidado redobrado no tratamento do espaço público. Optamos por desenvolver um grande espelho de água que, ocupa praticamente a totalidade do círculo deixado pela praça de touros que ali existiu, eternizando assim a memória do lugar. Posteriormente, o espelho de água iria ter pequenas plantas aquáticas que ficaria ao cuidado de um arquiteto paisagista.

Os apartamentos desenvolvem-se ao longo de 25 pisos. Por cada andar existe, 2 T1, 2 T2 e 1 T3. A estrutura, deixada á vista, condiciona toda a organização espacial de cada fração. Consequentemente, desenvolvemos uma nova geometria, ortogonal, que se ancorava á estrutura. O facto de as paredes estarem sempre conectadas com um pilar, foi com a intenção de libertar o máximo possível os espaços de cada fração. A organização espacial da torre, toma como referência as torres de Mies em Chicago, onde os conceitos de libertação do espaço e apropriação do mesmo por parte dos usuários são fulcrais no bom funcionamento do edifício.

Uma torre com esta escala, necessitava de espaços que permitissem um uso polivalente. Desenvolvemos então um andar com espaços para armazenamento de

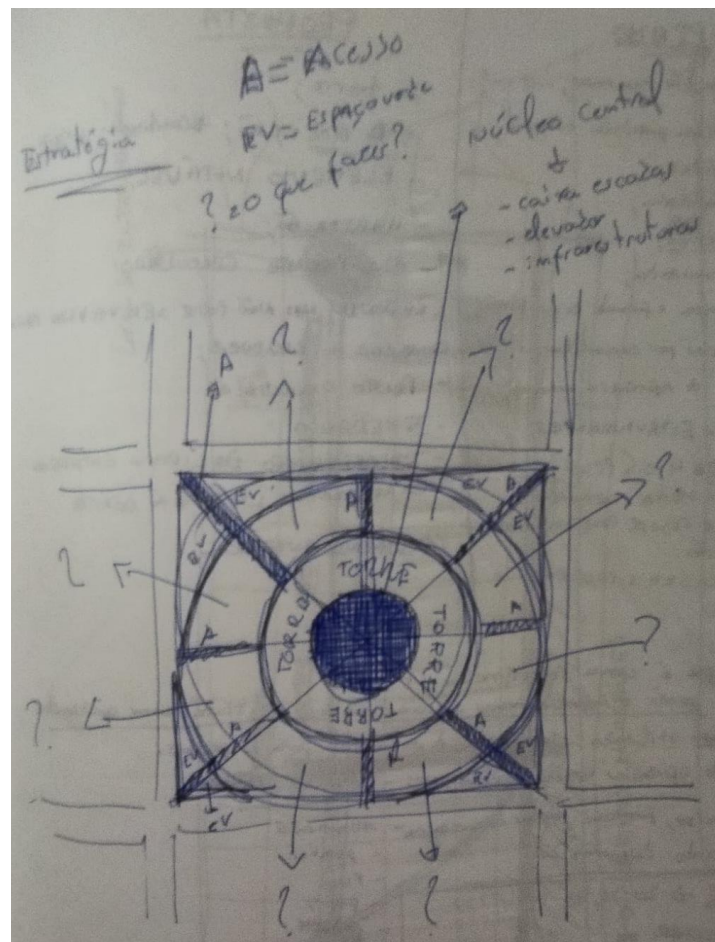


Figura 29. Croqui da procura da estratégia de organização da torre. Fonte: desenho do autor

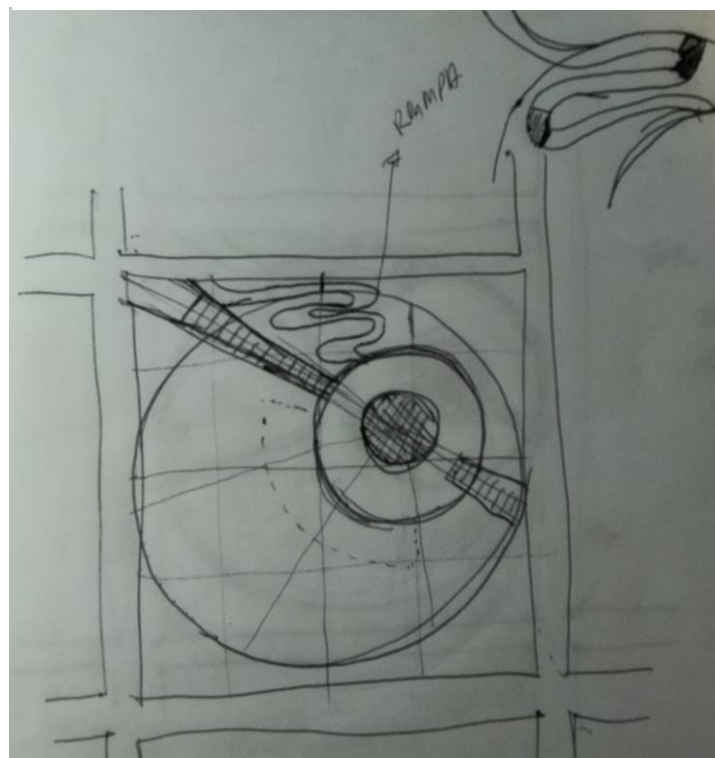


Figura 30. Aproximação da organização do quarteirão. Fonte: desenho do autor

material diverso. Foi um piso pensado para que, a sua organização também pudesse ser polivalente, permitindo através de painéis de correr, encerrar as salas em 4, ou com os painéis abertos, ter dois grandes salões. Cada um dos espaços, tem a possibilidade de crescer para o exterior, pois, todo o envidraçado que separa o interior do exterior, é composto também, por painéis deslizantes.

Interpretando a torre como um condomínio vertical, fazia todo sentido, existir um espaço de lazer. No penúltimo piso, propomos uma piscina interior com uma vista desocupada para a cidade. Complementamos ainda este andar panorâmico com uma sauna e banho turco, de forma a oferecer um lugar de relaxamento nesta edificação.

Na complexidade de um edifício desta escala, as infraestruturas são de grande dimensão, e por isso dedicamos dois andares para áreas técnicas. Um situa-se entre o piso polivalente e o da piscina e outro na cobertura.

No primeiro, ficará toda a maquinaria necessária para o bom funcionamento das áreas de lazer, é também o lugar em que as coretes dos diversos andares se irão conectar, permitindo assim que os pisos superiores tenham organizações espaciais desprendidas dos pisos inferiores. Na cobertura, será onde ficará a maquinaria de maior dimensão.

Chegando ao último piso, com uma vista privilegiada para toda a cidade de Espinho, está o apartamento panorâmico, o mais apetecível. Entendemos que, seria interessante finalizar a torre de uma maneira especial. E por isso, decidimos projetar esta fração para um cliente específico. O Sr. Manuel Violas. Atual presidente do clube de golf de Espinho, Oporto Golf Club, e também do casino Solverde. Um nome importante na cidade, pelos seus feitos em prol do bem desta urbanidade, e pela pessoa carismática que demonstra ser.

Neste caso, tivemos de perceber primeiro quais os gostos/ atividades de eleição do Sr. Violas, e demos conta que, o golf, o trabalho e bons vinhos fazem parte do seu quotidiano. Com isto queremos dizer que, não poderíamos deixar de inclui-los neste seu apartamento.

Projetamos um núcleo central redondo, que influenciou toda a organização espacial do restante apartamento. Procuramos libertar o máximo de espaço possível, dividindo os espaços com armários, e apenas encerrando com paredes, os quartos, o núcleo e a dispensa. Tendo apenas um corredor de circulação, otimizamos os espaços de permanência.

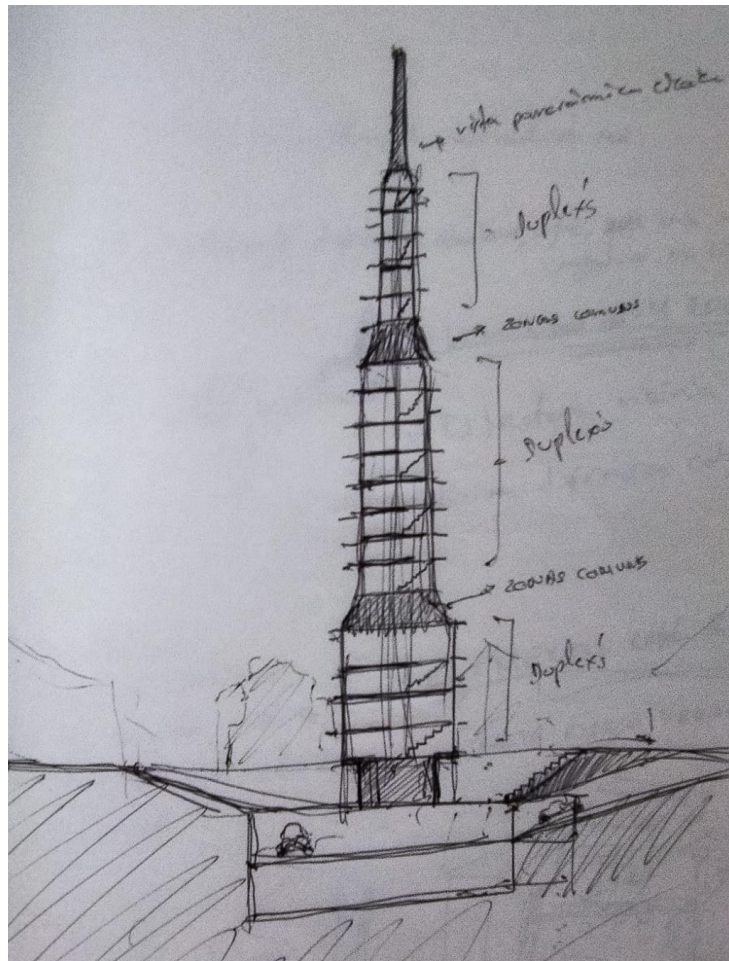


Figura 31. Croqui de estudo, proposta de como a torre toca no chão.
Fonte: desenho do autor

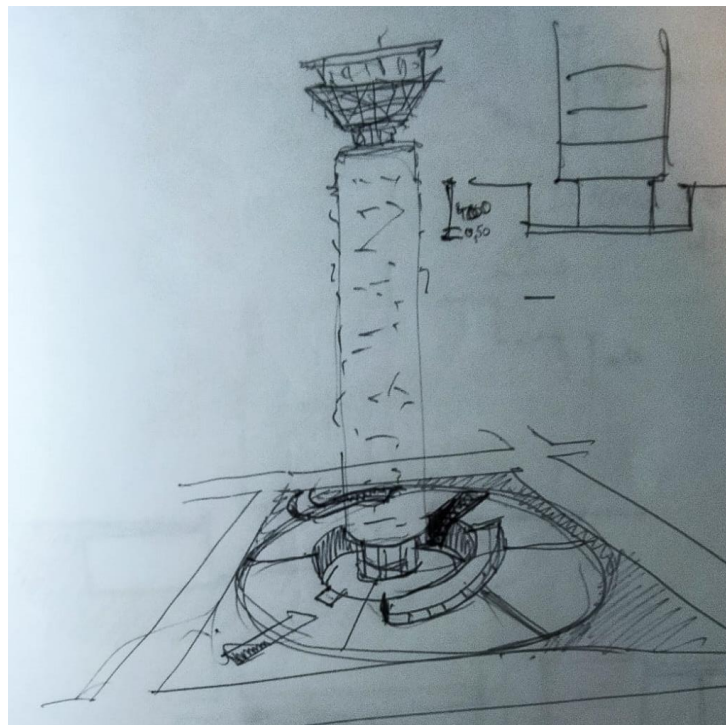


Figura 32. Croqui de estudo da parte superior da torre. Fonte: desenho do autor

A torre, como referido anteriormente, foi projetada como uma coluna, pelas suas proporções e pela sua composição. Temos uma base, o lugar onde assenta no solo, um fuste, que inclui todos os andares de apartamentos, e um capitel que, é composto pelos últimos andares, áreas comuns e o apartamento do Sr. Violas. Através do alçado, tudo isto é perceptível. Existem diferenças na composição formal, na dimensão e na linguagem do alçado, para que, seja possível identificar através da imagem exterior, as diferentes funções de cada espaço.

Espinho, cidade das linhas retas e das formas ortogonais constantemente repetidas, é desafiada pela transformação na malha que a nossa proposta apresenta. Um grito de revolta contra a estagnação, renasce na praça de touros, onde existe um cruzamento da história e da inovação. A torre que aqui decidimos propor, de maneira imponente, ergue-se como um ponto de orientação que, quebra com a rigidez da regra, da malha ortogonal. Não é apenas um edifício, é um símbolo de mudança, de evolução.

Na cidade onde vivemos, pelo afeiçoamento que lhe temos, queremos que a mudança possa ser feita!



Figura 33. Croqui de estudo da fachada da torre. Fonte: desenho do autor



Figura 34. Croqui de aproximação á proposta da torre. Fonte: desenho do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidimos propor a reabilitação de um quarteirão, tornou-se imperativo conhecer a história da cidade e do local de intervenção, quando sabemos das origens conseguimos sentir as construções desde a sua alma.

A imagem de abandono do quarteirão da praça de touros, de Espinho, não condizia com o que este edifício outrora representou. Símbolo de entretenimento e evolução perante uma cidade em crescimento, que ficou marcada pela existência de quatro praças de touros, demonstrando a importância que esta atividade obteve na vida social da urbanidade.

Apesar de, nos tempos atuais, a tauromaquia já não fazer sentido, a importância que a mesma possuiu noutra época, levou-nos a interpretar este espaço como o nosso local de intervenção. O projeto que aqui se propõe, procura qualificar este quarteirão que há muito tempo se via no abandono, tendo o edifício ruído e posteriormente ter sido ordenada a sua demolição.

Efetivamente, não existia apenas a intenção de reabilitar o quarteirão como, queríamos demonstrar uma nova tipologia de projeto, numa cidade que se encontra de algum modo paralisada. O tempo corre a uma velocidade frenética, e Espinho não está a conseguir acompanhar. O que nos levou a refletir sobre várias questões.

Precisará Espinho de uma mudança? O que é que provoca este entrave no crescimento da cidade? Como é que projetamos a mudança?

Claramente, são dúvidas que nos acompanham desde o primeiro esboço e pela nossa vivência da cidade, entendemos que, a malha é vista como regra. Como tal, condiciona todos os projetos propostos e orienta todas as possíveis intervenções num único sentido.

Na nossa visão daquilo que é uma cidade, este controlo excessivo não tem sentido. Portanto, respondemos às duas primeiras perguntas de uma forma segura. Evidentemente, Espinho precisa de uma mudança e a malha, é quem estrangula o crescimento.

Em relação à terceira questão, não existe uma resposta concreta. O projeto que propomos, está relacionado com a nossa visão do que poderia ser a mudança em Espinho, nitidamente o ponto de viragem. Todavia, não queremos com isto dizer que, não possam existir variadas formas de encarar a resposta a esta questão.

Em ponto de análise, o que conhecemos da cidade, deve-se muito ao facto de lá vivermos, existindo características que nos importunam, provavelmente mais do que

a qualquer outra pessoa, porque a sentimos e mais do que isso a vivemos em alma vareira. A cidade acomodou-se, causando uma coceira irritável em quem quer mais por este paraíso à beira mar plantado.

No decorrer da elaboração do trabalho projeto, fomos analisando e refletindo o quanto interessante nos parecia uma intervenção que contrastasse claramente com a imagem geral da cidade. O local de intervenção, por si próprio, já era um símbolo de exceção na quadrícula e pela nossa análise, apenas era necessária, a sua continuação.

No que diz respeito à exceção, propomos com este edifício, a valorização do espaço exterior, pela sua altura, forma, organização e implantação no quarteirão, tornar-se a diferença pretendida, criando impacto no panorama geral da Cidade de Espinho.

Neste sentido, através de uma atitude crítica perante o município, desenvolvemos um projeto académico com o objetivo de demonstrar o nosso descontentamento com algumas componentes que formam esta urbanidade. Cremos que o resultado obtido, vai ao encontro das nossas expectativas, cumprindo com a mudança e a nova forma de crescimento, sendo estes fatores que ambicionávamos desde início.

Se foi a melhor materialização da exceção perante a malha? Não sabemos, nem poderíamos ter a ousadia de sermos nós a afirmá-lo, preferimos deixá-lo em aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

- ROSSI, Aldo 2021 – *A arquitetura da cidade*. Lisboa: Edições 70
- BENEVOLO, Leonardo 2017 – *A cidade e o arquiteto*. Lisboa: Edições 70
- BAÍÁ, Pedro 2021 – *Nuances: os lugares da arquitetura*. Porto: Circo de ideias
- BAEZA, Campo 2018 – *A ideia construída*. Lisboa: Caleidoscópio
- SUDJIC, Deyan 2019 – *A linguagem das cidades*. Barcelona: Gustavo Gili
- ZEVI, Bruno 2009 – *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: WMF Martins Fontes
- PALLASMAA, Juhani 2018 – *Essências*. Barcelona: Gustavo Gili
- TÁVORA, Fernando 2015 – *Da organização do espaço*. Porto: Faup publicações
- LYNCH, Kevin 2020 – *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70
- CULLEN, Gordon 2022 – *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70
- SIZA, Álvaro 2019 – *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70
- VENTURI, Robert, SCOTT BROWN, Denise, IZENOUR, Steven – *Learning from las vegas*. Cambridge: MIT press
- QUINTA, João 1999 – *Espinho*. Espinho: Engrenagem
- GAIO, Carlos Morais 1999 – *A génese de Espinho*. Porto: Norprint – artes gráficas, lda
- BOUÇON, Armando, COSTA, Luís 2019 – *Cadernos d'espinho 3 – sorte ao jogo*. Porto: Ideias e conteúdos- produções em comunicação, lda

Séries e Podcasts:

- Conversaciones con Peter Eisenman*. Fonte: Netflix
- Conversaciones con Álvaro Siza*. Fonte: Netflix
- Conversaciones con Eduardo Souto Moura*. Fonte: Netflix
- Conversaciones con Ricardo Bofil*. Fonte: Netflix
- Convesaciones con Rafael Moneo*. Fonte: Netflix
- Conversaciones con Oriol Bohigas*. Fonte: Netflix
- Conversaciones com Norma Foster*. Fonte: Netflix
- EP.99 Manuel Aires Mateus, Arquitetura entre vistas*. Fonte: Spotify
- EP.4 NOARQ, Arquitetura entre vistas*. Fonte: Spotify

Teses e Documentos diversos:

DA SILVA BARREIRA, Hugo Daniel, DA SILVA, Patrícia Amorim Cravo – *Arquiteturas de Espinho e Matosinhos: o Mar como motor de Progresso e gerador de Identidades*

BARREIRA, Hugo – *Espinho: a paisagem (des)construída*. FLUP.

DOS SANTOS, Bruna Mariana Pereira, 2015 – *A arte xávega em Espinho: notas para a compreensão da arte xávega como património imaterial*. Universidade de Coimbra.

MAIA, Gilberto José Alves Feiteira, 2008/09 – *Frente de mar de Espinho, quando o mar e a terra fazem (e desfazem) cidade*. FAUP.

SARAIVA, João Pedro Branco de Sá Duarte, 2022 – *Espinho-Mar: uma hipótese para a frente-marítima*. FAUP

Fontes da internet:

<https://jfespinho.pt/index.php/historia>

<https://museumunicipal.espinho.pt/pt/historia-local/a-formacao-do-concelho/>

<https://portal.cm-espinho.pt/pt/municipio/camara-municipal/historia-e-heraldica/>

<https://www.defesadeespinho.pt/opiniao/espinho-como-nova-iorque/>

https://portal.cm-espinho.pt/fotos/editor2/ii_caracterizacao_sumaria_concelho.pdf

<https://www.touradas.pt/tauromaquia/historia>

<https://www.viajecomigo.com/2022/08/30/visitar-espinho-portugal/>

<https://dicasparis.com.br/paris/arco-de-la-defense-em-paris/>

<https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/arco-de-la-defensa/>

<https://recyt.fecyt.es/index.php/CyTET/article/view/83688/61772>

<https://www.archdaily.com/59487/ad-classics-860-880-lake-shore-drive-mies-van-der-rohe>

<https://www.architecturaldigest.com/story/live-in-a-mies-van-der-rohe-masterpiece-on-lake-michigan-for-dollar1895-million>

<https://archeyes.com/lake-shore-drive-apartments-by-mies-van-der-rohe-the-genesis-of-glass-and-steel/>

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Planta de espinho, ano 1900.....	18
Fig. 2 - Planta de espinho, ano 1900.....	20
Fig. 3 - Vista do local.....	22
Fig. 4 - Planta dos eixos viários.....	24
Fig. 5 - Praia de Espinho.....	26
Fig. 6 - A pesca.....	26
Fig. 7 - Casino peninsular, Espinho.....	28
Fig. 8 - Grande casino, espinho.....	28
Fig. 9 - Atual casino.....	28
Fig. 10 - Planta "cardus e decumanos" de Espinho.....	30
Fig. 11 - Planta de equipamentos.....	32
Fig. 12 - Antiga praça de touros, Espinho.....	34
Fig. 13 - Corrida de touros.....	34
Fig. 14 - Última praça de touros, Espinho.....	36
Fig. 15 - Proposta para o quarteirão do estádio municipal.....	38
Fig. 16 - Proposta para um quarteirão da rua 62.....	40
Fig. 17 - Eixo de elementos notáveis.....	42
Fig. 18 - A torre.....	42
Fig. 19 - Aproximação à ideia da torre.....	44
<i>Fig. 20 - Eixo de elementos notáveis, Paris.....</i>	<i>46</i>
Fig. 21 - Alinhamento do arco de la defense.....	46
Fig. 22 - Arco de la defense.....	48
Fig. 23 - Planta da torre lake shore drive.....	50
Fig. 24 - Torres lake shore drive.....	50
<i>Fig. 25 - Planta dos eixos viários.....</i>	<i>52</i>
Fig. 26 - Planta de equipamentos destacáveis.....	52
Fig. 27 - Planta de eixo de elementos notáveis.....	54

Fig. 28 – Planta elementos notáveis e eixos estruturantes.....	54
Fig. 29 – Croqui da procura da estratégia de organização da torre.....	56
Fig. 30 – Aproximação da organização do quarteirão.....	56
Fig. 31 – Croqui de estudo, proposta de como a torre toca no chão.....	58
Fig. 32 – Croqui de estudo da parte superior da torre.....	58
Fig. 33 – Croqui de estudo da fachada da torre.....	60
Fig. 34 – Croqui de aproximação á proposta da torre.....	60

ANEXOS

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE



1870



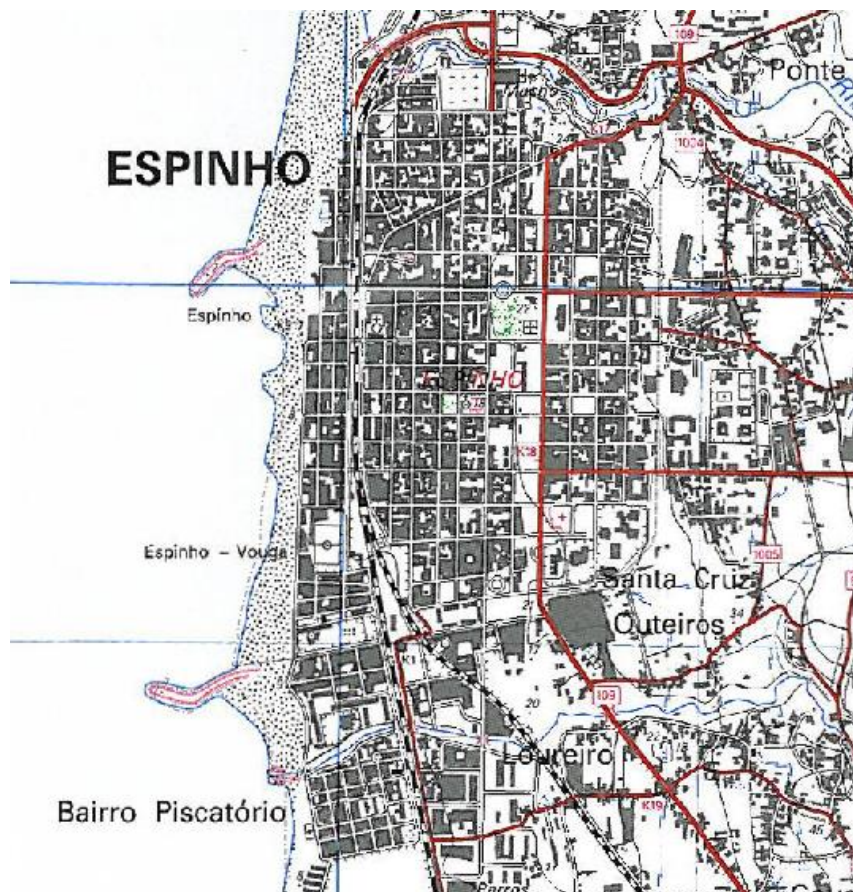
1933



1948



1975



1998



2023

IMAGENS 3D

VERSÃO ANTIGA DA TORRE





VERSÃO ATUAL DA TORRE

